

Prestando Verdadeiro Testemunho

**(Ou: “Agora Que Encontrei O Islam,
O Que Faço Com Isso?”)**

DR. LAURENCE B. BROWN

Tradução: Letícia Gouvêa
Revisão: Cláudia Sofia Simões

Direitos Autorais

Direitos Autorais © 2004, 2006, 2007 Laurence B. Brown.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, incluindo fotocópia, gravação, internet, ou qualquer armazenamento de informação e sistema de recuperação, sem permissão por escrito do autor, exceto para a situação abaixo, **que é permitida**.

Reimpressão

Reimpressão, reprodução e transmissão deste livro, por qualquer meio, eletrônico, mecânico, incluindo fotocópia, gravação, internet (e-mail ou site), ou qualquer armazenamento de informação e sistema de recuperação, **sob as condições de que absolutamente nenhuma alteração, adição ou omissão será introduzida** E que as páginas que contenham título incluam o **título, nome do autor, nota de direitos autorais, endereço do site do autor**, e este **aviso de reimpressão** exibidos na forma exata como o original **permite** gratuitamente. Para assegurar uma reprodução precisa, entre em contato com o autor para adquirir gratuitamente os arquivos de impressão deste livro (consulte o site abaixo).

Tradução

Traduzindo este livro para qualquer idioma é permitido gratuitamente com a condição de que:

1. **Absolutamente nenhuma alteração, adição ou omissão seja introduzida;**
2. As páginas que contenham título devem incluir **título, nome do autor, nota de direitos autorais, endereço do site do autor**, e este **aviso de reimpressão** exibidos na forma exata como o original;
3. Os direitos de autor da tradução são permitidos para o domínio público da mesma e exata forma que o original;
4. **E** que o autor (Dr. Laurence B. Brown) seja fornecido com os arquivos da tradução para a inclusão em seu website.

Website

O site do autor e deste livro é WWW.LEVELTRUTH.COM

Sumário

Introdução.....	4
1) O Compromisso.....	6
1.a.) O Grupo Salvo.....	13
2) Os Pilares	19
2.a.) As Divergências.....	23
2.b.) Os Sábios e o <i>Fiqh</i> (Lei Islâmica).....	29
3) A Prática.....	36
4) O <i>Ihsaan</i> (Consciência de Allah)	43
5) O Sufismo.....	44
6) A Sunnah do <i>Shaitan</i>	53
7) Conselheiros Sinceros	58
8) Resumo.....	61
Outros livros do Dr. Laurence B. Brown:.....	63
ANEXO 1 - Leitura recomendada	64
GLOSSÁRIO DE TERMOS	67

Introdução

O presente livro é o último de uma série de quatro. O primeiro livro desta série, *O Oitavo Pergaminho*, é uma obra de ficção histórica – um romance de ação/aventura desenvolvido para excitar o público, e ao mesmo tempo, incitá-lo ao tema da religião comparativa. O segundo livro desta série, *The First and Final Commandment* (*O Primeiro e Último Mandamento*), foi reescrito e dividido em dois volumes, *Desviados?* e *Guiados?*. Com a publicação destes dois volumes – agora livros numerados como dois e três nesta série – *O Primeiro e Último Mandamento* torna-se redundante, mas permanece no mercado para aqueles que preferirem uma edição maior em vez de dois volumes separados. *Desviados?* fornece um roteiro de orientação e desorientação nas religiões abraâmicas e apresenta a continuidade da revelação do Judaísmo ao Cristianismo, e depois ao Islam. *Guiados?* retoma onde *Desviados?* interrompeu, e argumenta o caso a favor do Islam como a conclusão da revelação.

Prestando Verdadeiro Testemunho completa esta série, fornecendo orientações práticas àqueles que abraçam a religião islâmica. No entanto, um quinto livro está em fase de planejamento, no qual pretendo abordar as muitas críticas vis e calúnias grosseiras levantadas contra os muçulmanos e a religião islâmica. Neste livro, pretendo discutir poligamia, escravidão, racismo, o véu feminino, opressão das mulheres, terrorismo, “fundamentalismo” e idolatria, dentre outros temas.

A ordem desta série de livros tem por objetivo, então, introduzir aos leitores de ficção uma investigação séria das evidências religiosas (*O Oitavo Pergaminho*) analisar o corpo de provas (*Desviados?*), discutir o caso do Islam como a revelação final e cumprimento das predições das escrituras judaicas e cristãs (*Guiados?*), sugerir a maneira através da qual a religião islâmica deve ser aplicada de forma prática (*Prestando Verdadeiro Testemunho*), e proporcionar ao muçulmano recém convertido a defesa contra as calúnias mais comuns contra o Islam (no quinto livro planejado desta série).

Em relação ao presente trabalho, os muçulmanos frequentemente observam que os convertidos à religião islâmica progridem através de várias fases de crescimento ideológicas, espirituais e psicológicas antes de atingir uma aparente maturidade religiosa. O período de maturação varia de um indivíduo para outro, assim como o resultado final. Alguns muçulmanos demonstram uma maturidade religiosa notável desde a infância. Outros experimentam uma dramática mudança de ideologia tardiamente em suas vidas. A renúncia ao Sufismo exagerado pelo famoso imam do século XI (EC) Al-Ghazali (nome completo: Abu Haamid Muhammad Al-Ghazali) em sua vida mais avançada; e a refutação de seus erros na *aquidah* pelo imam do século X

(EC) Al-Ash'ari (nome completo: Abu Al-Hasan 'Ali ibn al-Ismaa'il Ash'ari, a quem a *aqidah* Ash'ari é atribuída), também no final de seus dias, servem como exemplos proeminentes. Dentro da história mais recente, a transição de Malcolm X do racista e ideologicamente condenado culto político conhecido como a Nação do Islam para o Islam ortodoxo (sunita) é, talvez, o exemplo mais conhecido.

No início, muçulmanos convertidos frequentemente embarcam em caminhos ideológicos muito divergentes na escala de tons que se estende da lacuna entre a pureza evidente de retidão e a escuridão obscura do desvio. Embora muitos, eventualmente, alcancem o caminho da retidão islâmica, um grande número também se firma nos graus de desvio, por vezes, num nível tão sutil que não se justifica outra coisa senão dar conselhos; por vezes de tal magnitude que se justifica uma punição de acordo com a *Shari'a* (lei islâmica); e, muitas vezes, de tal gravidade que se coloca em risco, completamente, a *shahada* (testemunho de fé) da pessoa. O que significa que a pessoa em questão, conscientemente ou não, invalida sua reivindicação de ser muçulmano e deixa a religião do Islam.

Para o indivíduo, a importância da retidão no caminho religioso diz respeito à salvação. Para a comunidade, a importância relaciona-se com os erros dos que se desviam, deturpando o Islam.

O autor, sendo um ocidental convertido à religião islâmica, viveu o hedonismo negligente que acompanha a ausência de religião, o despertar da consciência espiritual no coração daquele que busca, a busca comovente pela verdade, a peneiração cautelosa das religiões à procura dos ingredientes de valor e coerência, a serenidade do abraço da verdade, quando esta foi encontrada, e tempos, ambos agradáveis e desagradáveis, seguidos por, e em todos os pontos do processo. Tendo vivido e trabalhado como um muçulmano nos países ocidentais da América do Norte e Inglaterra, e, posteriormente, na Cidade Santa de Medina Al-Munawara conferiu uma profundidade da experiência que pode ser de interesse àqueles que buscam um caminho semelhante.

No entanto, o que se segue não é um livro de memórias, mas sim de análise. De fato, as questões apresentadas foram analisadas por estudiosos islâmicos desde o tempo da revelação, e o caminho correto para cada questão tem sido definida desde o tempo do último mensageiro, Muhammad ibn Abdullah ﷺ. A escassez de informações disponíveis no idioma português, no entanto, resulta em muitos convertidos ocidentais sendo mal informados e, como consequência, facilmente enganados.

A informação que se segue é a melhor tentativa do autor para corrigir essa infeliz situação.

1) O Compromisso

Uma vez feita a escolha, a pessoa entra no Islam e se torna muçulmana com a *shahada*, ou testemunho de fé. Este testemunho (transliterado do árabe) diz, “*Ash-Hadu an la ilaha illa Llah(u), wa ash-Hadu anna Muhammad(an) Rasulu Llah*” e é traduzido como “Eu declaro que não há nenhum deus (traduzido também, ‘não há nenhum objeto digno de adoração’) senão Allah e eu testemunho que Muhammad ﷺ, é o Mensageiro de Allah”.

A *shahada* é mais tradicionalmente afirmada em público, pois, em geral, convertidos devem fazer com que sua conversão seja conhecida. No entanto, se a situação assim exigir, a *shahada* pode ser pronunciada com mais nenhuma testemunha além d'O Criador.

A *shahada* não só afirma a unidade divina e a profecia de Muhammad ibn Abdullah ﷺ, mas também compromete os fiéis a tudo o que é prescrito pela religião, e a abster-se de tudo o que é proibido. Portanto, embora a declaração não diga nada sobre a proibição contra a fornicação, adultério, álcool, etc., a aceitação destas proibições está intimamente associada à *shahada*. Pois, para aceitar Muhammad ﷺ, como um profeta, e neste caso, como o profeta final, é requerida a aceitação da mensagem e das leis que foram reveladas através dele. Qualquer coisa menos que isso é hipocrisia.

O primeiro dever de um convertido, então, é entender completamente o significado da *shahada*, e começar a vivê-la¹. Muitos livros excelentes foram escritos sobre este assunto, e há pouco ou nenhum benefício na cópia de trabalhos anteriores, embora um breve resumo seja, talvez, apropriado. Para começar, o compromisso da maior e mais óbvia importância ao afirmar a *shahada* é o reconhecimento do monoteísmo (isto é, a unicidade de Allah, que é capturada na língua árabe pelo termo *tawhid*). Este ponto deve ser fortemente enfatizado. O Islam é a religião do *Tawhid*. Qualquer comprometimento ao monoteísmo islâmico, qualquer comprometimento com a supremacia e absoluta Unicidade de Allah constitui *shirk* (politeísmo). O *Shirk* existe em diferentes graus, do *shirk* maior, que tira uma pessoa do Islam, ao *shirk* menor, que se classifica como um grande pecado: *riyaa*, ou *shirk* oculto. Exemplos de *shirk* maior são adorar outro além de Allah ou atribuir parceiros na adoração a Allah. Exemplos de *shirk* menor incluem jurar um juramento por outro afora Allah ou confiar nos amuletos de “boa sorte”. Por fim, exemplos de *shirk* oculto são embelezar sua oração quando a

¹ Estudiosos ensinam que a *shahada* não é válida sem sete elementos: conhecimento, sinceridade, honestidade, amor à *shahada*, certeza, abstenção a qualquer coisa que negue a *shahada*, e aplicação (ou, em outras palavras, viver o testemunho de fé).

pessoa está ciente de que alguém a está assistindo, ou dar mais em caridade do que havia sido planejado quando ciente de que a doação está sendo observada. Dada a importância crítica de ambos os assuntos *Tawhid* e *shirk*, um estudo mais aprofundado em livros dedicados a estes assuntos é fortemente recomendado².

Subsidiária ao *Tawhid* está a declaração de que Muhammad ﷺ é o último profeta e mensageiro do Islam – um reconhecimento de particular importância devido ao fato de que tantos pretendentes messiânicos têm proferido falsas alegações de profecia ao longo dos anos, desviando as massas por diversos meios perversos no processo. Elijah Poole Muhammad, o fundador da Nação do Islam, é apenas um exemplo. Outros exemplos desta raça de desviados e que incitam o desvio incluem Mizra Ghulam Ahmad, o fundador da Ahmadiyyah (também conhecidos como os Qadianis), Bab Mirza Ali Muhammad e Mirza Husain Ali (os fundadores dos Baha'is) e uma infinidade de outros coloridos e peculiares, mas influentes, pretendentes messiânicos que surgiram ao longo dos últimos 1.400 anos. O reconhecimento de Muhammad ﷺ, como o último profeta de Allah fecha a porta à mente quanto a qualquer consideração das alegações de todos esses pretendentes messiânicos. Além disso, a conclusão da cadeia de profecia através da pessoa de Muhammad ibn Abdullah ﷺ, é consistente com as previsões das escrituras anteriores (para uma explicação mais completa, o leitor é remetido ao livro *Guiados?*, o terceiro livro desta série).

Finalmente, implícita na declaração da *shahada* está a aceitação dos fundamentos da fé islâmica (conhecidos como “pilares”, pois sem esses pilares de fé e prática, o compromisso de alguém com a religião colapsa). Qualquer livraria islâmica renomada cataloga vários livros que definem esses pilares de fé e prática islâmica. A partir de pequenos panfletos até extensos volumes, há livros disponíveis que vão desde o superficial ao acadêmico. Em resumo, os artigos essenciais da fé são seis: a crença em Allah, nos Seus anjos, nas escrituras reveladas, nos mensageiros, na próxima vida, e no decreto divino. Os atos de adoração obrigatórios são cinco: a declaração de fé ao entrar na religião (isto é, a *shahada*), as orações cinco vezes ao dia (em intervalos prescritos, e de acordo com as regras de oração e purificação), o jejum anual do mês de Ramadan, o pagamento anual do *zakat*, e a peregrinação a Meca durante o período do *Hajj*, uma vez na vida, se física e financeiramente capaz.

Então, é isso! Basta dizer a *shahada*, adotar as crenças e práticas, e você está no seu caminho. Fácil, né? Bem, sim, mas não. Se há um ponto de crucial importância que precisa ser transmitido aos novos muçulmanos, é este: o Islam é uma religião de estrutura. Cada princípio, cada ensinamento, cada

² Tais livros encontram-se à disposição online através de qualquer das livrarias islâmicas.

crença e cada elemento válido da religião islâmica tem uma base na realidade revelada. Quando um muçulmano diz a outro algo sobre a religião islâmica, ele ou ela deve ser capaz de sustentar este ensinamento com uma evidência islâmica. O padrão de ouro (e, na verdade, o único padrão aceitável) da legitimação islâmica é encontrado na interpretação de evidências islâmicas por aqueles de conhecimento abrangente (isto é, estudiosos muçulmanos). E quais são as fontes de evidências islâmicas? Duas – a palavra revelada de Allah (isto é, o Alcorão Sagrado), e a Sunnah (literalmente ‘o caminho’ do profeta Muhammad ibn Abdullah ﷺ, quer dizer, seus ensinamentos e exemplo, como transmitidos através de suas palavras, ações, aparência e consentimentos implícitos, assim como preservados nas tradições islâmicas conhecidas como *hadith*). Então, no final, cada ensinamento válido tem base nas evidências islâmicas e, queira ou não, a prova deve ser clara, apresentada e fundamentada para que qualquer ensinamento específico seja considerado aceitável.

Então, ao aprender através de outro muçulmano, seja este amado ou não, respeitado ou não, credenciado ou não, a pergunta crítica para cada e todo professor sobre cada e todo ensinamento é simplesmente, “Onde você conseguiu isso?” Se é da mente daquele indivíduo, cuidado! Pois, foi por este escorregadio caminho de caprichos e opiniões pessoais que os povos anteriores foram desviados. Outras vias que induzem ao erro incluem:

1. **Misticismo.** Agora, vamos nos debruçar sobre esta questão por um momento. É esperado que a piedade e a justiça elevem a um certo nível de capacidade de reflexão e compreensão das coisas religiosas. Mas apesar de não haver nada de errado em buscar tal iluminação, os crentes se desviam quando tentam demasiadamente e, no processo, deixam as regras de orientação ditadas pelo Criador e adotam regras definidas por um ser humano, como, por exemplo, um místico. E este é o maior indício de desvio no misticismo – o acolhimento de ensinamentos e práticas que não são fundamentados sobre fontes válidas da lei islâmica, quer dizer o Alcorão, a Sunnah, e a sua interpretação pelos estudiosos sunitas respeitados. Quando ensinamentos infundados são achados em combinação com líderes espirituais que brandam reivindicações de auto-engrandecimento de aprimorado discernimento espiritual, pelo qual justificam sua estranha e infundada crença e/ou prática, a situação deve ser óbvia. Muitas vezes, no entanto, não é assim, muitos dos desviados e dos que incitam ao desvio citam o Alcorão e a Sunnah para apoiarem suas crenças extraviadas. O fato de que esses desviantes citam mal, ou interpretam mal, o Alcorão e se baseiam em *ahadith* não autênticos em apoio à sua posição, frequentemente passa despercebido por aqueles que não possuem ferramentas intelectuais que permitam diferenciar as fontes autênticas e corretamente

interpretadas das fontes manipuladas e/ou não autênticas. Por favor, veja o capítulo 5, intitulado “Sufismo” para uma discussão mais aprofundada sobre este assunto. Ainda assim, mais caminhos levam ao erro, incluindo:

2. Filosofia (pois os filósofos não concordam entre si, então, no máximo, apenas um grupo pode estar certo. E enquanto divagam sobre o assunto, olhem para o que aconteceu com os gregos!)
3. Racionalismo (pois nem tudo na religião ‘faz sentido’ para todos, e a inclinação para rejeitar ou modificar padrões religiosos simplesmente porque uma pessoa pode não lhes ‘fazer sentido’ leva a desvios e, não raro, descrença. Tipicamente, as tentativas para racionalizar pontos de vista desviados são resultado de pessoas que procuram modificar a religião com intuito de casar com seus desejos, a tentativa de ‘modernizar’ ou ‘adaptar’ o Islam são exemplos clássicos.)
4. Intelectualização exagerada (é esperado que os muçulmanos pensem e raciocinem, não unicamente a fim de atingir a crença em primeiro lugar, mas também a fim de praticar e aplicar a religião corretamente. No entanto, a intelectualização possui limites práticos, o que significa que existem algumas coisas que as pessoas simplesmente têm de aceitar, acreditar e fazer – coisas como, por exemplo, os mandamentos de Allah. Se as pessoas se recusam a aceitar, validar ou preencher um comando de Allah, simplesmente porque elas não conseguem compreender a razão por isso, elas caem na desobediência e no erro.)
5. Falsa justificativa (tais como através da citação errada ou má interpretação dos versículos do Alcorão, ou emprego de ahadith fracos ou fabricados, a fim de apoiar uma posição desviada)
6. Emitindo um julgamento sobre um problema apesar da falta de qualificação acadêmica.

No entanto, se a orientação é tomada de estudiosos respeitados e qualificados que derivam seus ensinamentos do Alcorão e ahadith autênticos, então pode-se descansar à vontade.

Na falta de comprovação por estudiosos qualificados, de acordo com as evidências fundamentais do Alcorão e da Sunnah, ninguém deveria se considerar seguro. Quando o mapa da história é revisto, nos damos conta que a humanidade tem se desviado sempre que as rédeas do intelecto humano abandonam as evidências de sustentação e voltam para o campo das explicações sedutoras. A busca dos alquimistas pela ‘Pedra Filosofal’ (a fórmula mítica pela qual metais básicos poderiam ser transmutados em ouro), pela fonte da imortalidade, pelos potes de ouro e sonhos concebidos em cada lenda que já motivou a partida de um navio ou uma expedição em um empreendimento fútil, são exemplos claros. No entanto, nenhuma lenda

infundada levou ao frívolo sacrifício de riqueza, energia, vidas e almas mais do que a falsa religião.

Desviados? revela os fundamentos fracos, inexistentes, ou francamente fabricados de muitos dos mitos da teologia moderna judaica e cristã. O Islam ortodoxo (sunita) se recusa a aceitar tal hipocrisia dentro da sua crença e mantém a pureza de seus ensinamentos através da exigência de que estudiosos derivem o *fiqh* (leis islâmicas) das estáveis e respeitadas fontes fundamentais da religião islâmica e, em seguida, exige que os leigos sigam as decisões válidas de estudiosos qualificados.

Infelizmente, muitos novos convertidos concebem o extremamente otimista, e, infelizmente, ingênuo pressuposto de que todos os “estudiosos” sabem do que estão falando, e que todos os muçulmanos seguem o mesmo caminho. Nada poderia estar mais longe da verdade. Uma grande variedade de seitas se identificam com o rótulo do Islam, ao mesmo tempo variam em ensaios ideológicos desde a inovação menor até à blasfêmia absoluta. Algumas seitas heréticas agarram-se às fronteiras bem definidas do Islam, enquanto outras estão tão fora do contexto do Islam que se justifica uma classificação metafísica separada.

Por isso, existe a necessidade de etiquetas.

Em geral, os muçulmanos preferem ser conhecidos como nada mais do que, bem, *muçulmanos*, pela simples razão de que Allah Altíssimo se refere aos crentes como muçulmanos no Sagrado Alcorão. Para aqueles que reverenciam a supremacia de Allah, nenhuma etiqueta criada na mente do homem pode competir com a escolhida pelo Próprio Criador. Todavia, as etiquetas têm sido necessárias, a fim de se distinguir entre diferentes grupos. As duas maiores subdivisões no mundo islâmico são os sunitas e os xiitas. Os muçulmanos sunitas aderem à Sunnah (caminho) do profeta Muhammad ﷺ, como registrada por meio das tradições islâmicas (ahadith), enquanto os xiitas aderem aos ensinamentos de seus líderes religiosos (imams), validados ou não pelo Alcorão e a Sunnah. Como normalmente ocorre, sempre que as pessoas dão prioridade a líderes carismáticos acima da verdade revelada, alguns indivíduos peculiares, com ideologia ainda mais bizarra, penetraram na cadeia da autoridade em vários pontos da história, estabelecendo seu desvio nos cânones da religião, e distraíndo as crenças sectárias, passo a passo, da verdade do período original. As tendências destrutivas e desviadas, semelhantes àquelas que se desenvolveram nos corações e mentes dos xiitas, têm efetivamente aberto caminho a uma longa lista de outras seitas derivadas do corpo principal dos muçulmanos sunitas.

No entanto, o Islam sunita representa aproximadamente 95% de todos os muçulmanos do mundo, e por uma boa razão. Para começar, a metodologia faz sentido. Qualquer pessoa que aceite o Islam afirma a supremacia e

unicidade de Allah, o que indica a negação de qualquer conceito de parceiros ou co-partícipes na divindade. De acordo com a tradução do significado do Alcorão (daqui em diante TSA)³,

EEntão, não façais semelhantes a Allah, enquanto sabeis (que não existe nada semelhante a ele)” [TSA 2:22]

e

“Dize: ‘Ele é Allah, Único. Allah é O Solicitado. Não gerou e não foi gerado. E não há ninguém igual a Ele.’” [TSA 112:1-4]

Assim, existe apenas uma autoridade suprema e final, que é Allah, e Sua escolha do Alcorão como a revelação final e de Muhammad ibn Abdullah ﷺ como o mensageiro final deve ser respeitada. Além disso, repetidamente, Allah instrui a humanidade, no Alcorão Sagrado, a seguir o exemplo do profeta final e a obedecer a Allah e a Seu mensageiro, Muhammad ﷺ. Uma vez seria o suficiente, mas a repetição frequente deste ensinamento por Allah Altíssimo, em Sua revelação, deve descartar qualquer discussão sobre este ponto.

Dada a primazia do exemplo de Muhammad ﷺ na religião do Islam, a dedicação e o rigor com que as gerações anteriores preservaram os registros da biblioteca de ahadith são lendários. Por esta razão, não há absolutamente nenhuma outra pessoa na história a respeito da qual tantos detalhes estejam documentados e confirmados. Ao contrário dos perfis difusos de todos os profetas anteriores, a vida, caráter e ensinamentos de Muhammad ﷺ, podem ser conhecidos com detalhes requintados, e é a esses detalhes que aderem os muçulmanos sunitas.

Em contraste, os muçulmanos xiitas são apenas um grupo – de uma longa lista de seitas desviadas – que tem escolhido ignorar a Sunnah de Muhammad ﷺ, de uma forma ou de outra, em favor dos ensinamentos de seus líderes sectários. Semelhantes aos cristãos – que descartaram os ensinamentos ortodoxos de Jesus Cristo em favor da mais permissiva, embora contrária, teologia de Paulo – as seitas desviadas do Islam atribuem prioridade aos ensinamentos humanos contrários àqueles com base no Alcorão, Sunnah, e interpretação destes feita por estudiosos qualificados.

Infelizmente (e previsivelmente, também), muitos desviados citam equivocadamente ou interpretam mal o Alcorão e ahadith, a fim de apoiar a sua má orientação religiosa. E a menos que as pessoas questionem sobre o que é dito, algumas das evidências citadas podem parecer convincentes, pois,

³ A versão da tradução do significado do Alcorão (TSA) citada neste livro, a menos que haja nota ao contrário, é o Alcorão, texto em árabe com os correspondentes significados em português, por Helmi Nasr.

como William Shakespeare disse: “O diabo sabe citar as escrituras para seu próprio interesse”.⁴

Os novos convertidos, que podem não conhecer a diferença entre os ortodoxos e os desviados, entre o pseudo erudito do desvio e o autêntico estudioso da verdade, devem ser particularmente cuidadosos e pesquisar e confirmar o que lhes é dito. Mais importante ainda, os fiéis devem suplicar a Allah por proteção a seus corações, mentes, corpos e almas contra o desvio, bem como estabelecer e mantê-los no caminho reto que Ele traçou. E esta é, afinal, a oração de Al-Fatiha, a primeira surah (capítulo) do Alcorão Sagrado, e uma oração de tal significado e importância que Allah Altíssimo exige a recitação desta surah em cada rakat de cada oração. Assim, os verdadeiros muçulmanos devem recitar esta oração com sinceridade e convicção.

No que diz respeito à discussão acima, os seguintes livros são particularmente úteis para navegar pelos desvios dos Shi’a (xiitas), bem como algumas outras seitas errantes:

1. *The Mirage in Iran* - tradução do Dr. Abu Aminah Bilal Philips do Dr. Ahmad al-Afghani, *Sarab fi Iraan*, e
2. *The Devil’s Deception* - tradução do Dr. Abu Aminah Bilal Philips de Ibn al-Jawzi, *Talbis Iblis*.

⁴ Shakespeare, William. *The merchant of Venice*. I.iii.

1.a.) O Grupo Salvo

Um hadith frequentemente citado conclui o ensinamento de que até o final dos tempos o Islam será dividido em 73 seitas, das quais 72 estariam no Fogo. Quando lhe foi perguntado qual seria a seita salva, Muhammad ﷺ, respondeu algo como, “Aqueles que seguem o caminho em que estou hoje, e os meus companheiros.”⁵

Alguns muçulmanos sugerem que o hadith acima apresenta uma fraqueza em sua cadeia de narradores, outros apontam que seu grande número de transmissores o tornam autêntico. De qualquer maneira, o fato é que, se a religião islâmica ainda não está dividida em 73 seitas, está caminhando para isso. Várias seitas xiitas, um número crescente de sufis extremistas, o culto dos Ansar, a Nação do Islam, os Ahmadiyyah (também conhecidos como Qadianis), os coranitas (que alegam seguir somente o Alcorão), e muitos outros apresentam variados perfis de desvio da ortodoxia do Islam sunita. Além disso, o conceito de que a seita salva consiste naqueles que aderem ao que o Profeta ﷺ e seus companheiros praticavam, não representa uma ideia incompreensível para o crente sincero.

Há, no entanto, aqueles que propõem a revisão da religião islâmica com base na percepção da necessidade de modernizar o Islam em consideração às mudanças sociais e políticas dos últimos 1.400 anos. Ora, os muçulmanos têm sido, historicamente, alguns dos maiores progressistas do mundo. A revolução industrial na Europa foi, em grande parte, atribuída ao conhecimento e inovações importadas do mundo muçulmano, em uma época que a aristocracia da Europa enviava rotineiramente seus filhos para estudar nas universidades da Espanha muçulmana. Os muçulmanos se destacaram em idiomas e linguística, mecânica, óptica e física teórica, química orgânica e inorgânica, matemática, agricultura, medicina, geografia e astronomia, para citar algumas das ciências e áreas do intelecto. Muitos dos avanços tecnológicos que abriram o caminho para um mundo melhor foram inventados pelos muçulmanos, e até a própria universidade se origina da concepção muçulmana desta instituição de ensino superior.⁶

Assim, os muçulmanos não são tímidos ao abordar os problemas relacionados com sua existência e mudam, por vezes, em assuntos que não entram em conflito com os princípios religiosos. No entanto, Allah, Altíssimo, transmitiu o ensinamento através do Seu profeta final, Muhammad

⁵ Tirmidhi (2641).

⁶ Para mais informações consulte o terceiro livro desta série, *Guiados?*, e *Islam and Science*, da autoria de Shabir Ahmed, Anas Abdul Muntaqim e Abdul-Sattar Siddiq; publicado pela Oficina Cultural Islâmica, PO Box 1932, Walnut, CA 91789; (909) 399-4708.

ﷺ, de que não aceitaria qualquer alteração ou inovação na religião. De acordo com o hadith de A'isha, foi registrado que Muhammad ﷺ ensinou,

“Quem introduzir qualquer coisa neste nosso assunto [isto é, o Islam] que não lhe pertença, ser-lhe-à rejeitado.”⁷

Assim, enquanto a inovação em assuntos de aspecto prático não-religiosos pode ser louvável, não há espaço para a inovação na religião propriamente dita, pois todas as inovações religiosas levam ao Fogo do Inferno.

Lembrando que a humanidade não foi criada, senão para servir e adorar Allah (veja TSA 51:56; “E Eu não criei os gênios e os homens, senão para Me adorarem”), esta fórmula faz sentido, pois a ideia não é fazer todo e cada aspeto da vida mais fácil e mais divertido, mas sim melhorar os aspectos práticos da vida para facilitar o dever para o qual a humanidade foi criada – servir e adorar a Allah.

Assim, tornar a vida mais fácil em termos de existência mundana é louvável, pois melhora a condição humana e dá liberdade ao indivíduo, tanto física como mentalmente, para a adoração. Fisicamente, as circunstâncias melhoradas tornam mais fácil a realização de atos de adoração, enquanto que, mentalmente, melhores condições dão ao indivíduo mais para ser grato a Allah. Por outro lado, a tentativa de tornar mais fácil a religião através do comprometimento dos deveres religiosos é censurável, pois ao fazê-lo o indivíduo detrai quanto às funções para as quais ele ou ela foi prioritariamente criado por Allah. Assim, um telefone é melhor do que um pombo-correio, mas, ao passo que quatro orações por dia é mais fácil do que cinco, isso definitivamente não é melhor, pois qualquer inovação que conflite com a Shari'a (lei islâmica) desvia da religião e, em vez de fazer sua prática mais fácil, compromete ou a destrói.

Isto nos leva a um princípio geral de orientação que o novo muçulmano deveria se lembrar: toda adoração (ou seja, tudo pelo qual o adorador espera pela recompensa de Allah Altíssimo) é proibida, exceto a que foi prescrita, ao passo que tudo dentre os assuntos mundanos é permitido, exceto o que foi proibido. Os estudiosos estão de acordo quanto a este princípio e todos os muçulmanos devem cimentá-lo em suas memórias pela simples razão de que isto simplifica a religião e facilita o processo de tomar decisões. Evidência apoiante deste princípio é tão extensa que está além da compilação num trabalho como este, no entanto, deve ser mencionado que Allah Altíssimo transmitiu, em um dos últimos *ayah* (plural de *ayah*) a ser revelado, “Hoje, eu inteirei vossa religião, para vós, e completei Minha graça para convosco e agradei-Me do Islamo como religião para vós” (TSA 5:3). Levando este *ayah* em consideração, juntamente com o mandato tantas vezes repetido de Allah,

⁷ Bukhari (2550), Muslim (1718), Sunan Abu Dawud (4606), Ahmad (26075, 26372).

“obedecei a Allah e a Seu mensageiro (isto é, Muhammad ﷺ)”, o muçulmano deve respeitar o hadith que menciona Muhammad ﷺ como tendo ensinado,

1. “Aquele que inovar alguma coisa neste nosso assunto (isto é, a religião), que não lhe pertença, ser-lhe-á rejeitado.”⁸
2. “O que eu vos proibi, evitai-o, e o que eu vos ordenei [fazer], fazei tanto quanto possais.”⁹
3. “Allah, o Altíssimo, prescreveu deveres religiosos, por isso não os negligencie; Ele estabeleceu limites, então, não os ultrapasse; Ele proibiu algumas coisas, por isso, não as viole; sobre algumas coisas Ele ficou em silêncio – por compaixão a ti, não por esquecimento – então, não as busque.”¹⁰

Além disso, Allah Altíssimo transmitiu,

- “E o que o Mensageiro vos conceder, tomai-o; e o de que vos coibir, abstende-vos dele. E temei a Allah. Por certo, Allah é Veemente na punição” (TSA 59:7)
- “Os que seguem ao Mensageiro, O Profeta iletrado — que eles encontram escrito junto deles, na Tora e no Evangelho - o qual lhes ordena o que é conveniente e os coíbe do reprovável, e torna lícitas, para eles, as cousas benignas e torna ilícitas, para eles, as cousas malignas e os livra de seus fardos e dos jugos a eles impostos...” (TSA 7:157)
- “Ele é Quem criou para vós tudo aquilo que está sobre a terra” (TSA 2:29 - o que implica a permissibilidade de tudo aquilo que não é proibido dos assuntos mundanos.)
- “Dize: ‘Quem proibiu os ornamentos que Allah criou para Seus servos e as cousas benignas do sustento?’” (TSA 7:32 - que indica o erro em proibir aquilo que Allah Altíssimo *não* proibiu dos assuntos mundanos.)

⁸ Bukhari (em um capítulo intitulado: Se um servo civil ou um juiz julga algo indiferente à regra do Mensageiro, então, seu julgamento é rejeitado) e Muslim (1718)

⁹ Bukhari (6858) e Muslim (130)

* Quer dizer, não se aprofunde nessas questões sobre as quais Allah, por Sua sabedoria e compaixão, não mencionou uma decisão, pois a resposta pode trazer mais sofrimento do que benefício. A este respeito Allah revelou no Alcorão, “Ó vós que credes! Não pergunteis por cousas que, se vos fossem divulgadas, vos afligiriam: e, se perguntardes por elas, enquanto o Alcorão estiver sendo descido, ser-vos-ão divulgadas.” (TSA 5:101). A revelação e a religião são completas e perfeitas, os elementos prescritos da religião são conhecidos, não permitindo nenhuma adição, e os elementos proibidos da existência mundana são, da mesma forma, conhecidos, sendo permitido tudo que não tenha sido proibido. Devemos nos abster de discutir e investigar meticulosamente sobre o que Allah escolheu não emitir veredicto.

¹⁰ Daraqutni (42, 104)

Portanto, este princípio geral de que tudo da adoração é proibido, exceto o que é prescrito, e tudo dos assuntos mundanos é permitido, exceto o que foi proibido, não somente é bem suportado, como tem um grande impacto. No que se refere aos assuntos em discussão, aqueles que buscam um caminho mais fácil em termos de existência física e assuntos mundanos são encorajados a fazê-lo, pois um hadith autêntico diz que “Nunca foi dado ao profeta ﷺ, uma escolha entre duas coisas, senão que ele escolhesse a mais fácil, desde que não fosse pecado.”¹¹ No entanto, aqueles que buscam a inovação em assuntos de adoração devem ser censurados e/ou condenados. O Imam Malik, comentou:

“Aquele que inova algo para a *ummah* hoje em dia, que os piedosos antepassados não praticavam, então proclama que o Profeta (Isto é, Muhammad ﷺ) tinha traído a *ummah*, porque Allah, o Todo-Poderoso, disse: ‘Hoje, eu inteirei vossa religião, para vós’. Aquilo que não fazia parte da religião naquela época (isto é, na de Muhammad e de seus companheiros) não faz parte da religião hoje.”¹²

O ponto é que, embora as possibilidades de melhoria da condição humana em termos mundanos sejam vastas, há um mínimo em termos de crenças e práticas que, se for transgredido, compromete a filiação de uma pessoa à religião. Os requisitos mínimos da fé islâmica estão claramente definidos, um exemplo dos quais é encontrado no seguinte hadith:

Um homem de Najd, com o cabelo despenteado, veio ao Mensageiro de Allah ﷺ, e ouvimos a sua voz alta, mas não conseguimos entender o que ele estava dizendo, até que chegou perto (e, então, viemos a saber) que ele estava perguntando sobre o Islam. O Mensageiro de Allah ﷺ, disse: “Tens de executar cinco *Salat* (orações) em um dia e noite (24 horas).” O homem perguntou: “Há qualquer outra *Salah* (oração) obrigatória para mim?” O Mensageiro de Allah ﷺ, respondeu: “Não, mas se tu desejares executar as *Salat Nawafil* (isto é, voluntárias, ou não obrigatórias) (podes fazê-lo).” O Mensageiro de Allah ﷺ disse ainda a ele: “Tens de observar o *sawm* [jejum (de acordo com os ensinamentos islâmicos)] durante o mês de Ramadan.” O homem perguntou: “Há qualquer outro jejum (adicional) obrigatório para mim?” O Mensageiro de Allah ﷺ, respondeu: “Não, mas se tu quiseses observar os jejuns *Nawafil* (podes fazê-lo).” Então, o Mensageiro de Allah ﷺ, disse mais ao homem, “Tens de

¹¹ Bukhari (3367), Muslim (2327), Muwatta Imam Malik (1603)

¹² *Al-Ih'kam*, por Ibn Hazim

pagar o *Zakat*.” O homem perguntou: “Existe alguma outra coisa que não seja o *Zakat* para eu pagar?” O Mensageiro de Allah ﷺ respondeu: “Não, a menos que queiras dar esmola de ti mesmo.” E então, o homem se retirou, dizendo: “Por Allah! Eu não farei menos, nem mais do que isso.” O Mensageiro de Allah disse: “Se ele for fiel à sua palavra, então será bem sucedido (ou seja, ser-lhe-á concedido o Paraíso).”¹³

Este hadith efetivamente resume os limites mínimos da prática islâmica, enquanto, ao mesmo tempo, conclui que satisfazer esses limites mínimos leva à recompensa do paraíso.

Esta fórmula, é claro, faz sentido, pois a humanidade vive tais fórmulas todos os dias de mil maneiras diferentes. Por exemplo, o corpo necessita de uma quantidade mínima de oxigênio para sobreviver, e uma temperatura mínima. Se mantiver esses mínimos, uma pessoa sobrevive. Transgredir esses mínimos, ao menor grau, resulta na morte. Da mesma forma, um carro requer uma quantidade mínima de combustível para ir de um ponto a outro. Mesmo uma gota a menos que o mínimo significa que o carro vai parar no caminho – embora apenas pela equivalência de uma gota de distância. Mas ainda no caminho. Claro, alguém poderia dizer, “Bem, apenas estacione o carro e caminhe”. Mas, há algumas coisas que simplesmente não se pode desconsiderar. A falha é uma delas. Um ponto a menos do que um ‘10’ num exame não é mais um ‘10’. Uma grama a menos em um quilo já não é um quilo. Um passo atrás do vencedor é o segundo lugar. Um segundo a mais submerso significa afogar-se. E uma gota a menos do que os meios mínimos necessários resulta em insuficiência.

Se mantiver uma oxigenação e temperatura corporal superiores ao mínimo necessário, a pessoa não só se sentirá melhor, mas correrá menos riscos de desastre. Mantendo mais combustível que o necessário no carro, a pessoa terá uma reserva maior, por segurança. Uma pessoa *pode* viver com mínimos – a vida no limite, por assim dizer – mas isso é arriscado, desconfortável e, em circunstâncias normais desnecessariamente imprudente. Muito melhor viver acima dos limites críticos. Assim, também, com a religião. As pessoas que vivem nos limites mínimos de fé e prática se balançam na corda bamba de sua fé, pondo-se em risco, arriscando-se diariamente, com a consequência de cair para o lado errado. Por outro lado, aqueles que aperfeiçoam a sua fé, prática e adoração vivem dentro das zonas de segurança expandidas encontradas nos níveis mais altos da religiosidade.

Então, enquanto viver a vida no limite tornou-se moda nas arenas dos esportes radicais e das altas finanças, onde uma pessoa pode alcançar a fama ou fortuna arriscando-se a danos pessoais ou falência, viver a religião no

¹³ Bukhari (42) e Muslim (11).

limite põe em risco a salvação da pessoa para... bem, para quê exatamente? Mais alguns minutos economizados da oração, mais alguns bocados por não jejuar, algum dinheiro a mais salvo da caridade? Um preço baixo pela salvação, poderia se pensar, e definitivamente digno do sacrifício para o benefício da expansão da segurança e zona de conforto. E não significa que a pessoa tenha de comprometer todos os outros elementos da existência mundana.

Pelo contrário, muçulmanos vivem vidas incrivelmente limpas, honestas, saudáveis e satisfatórias. E em homenagem ao sucesso da norma islâmica, os campos da política, conduta pessoal, estrutura familiar e social, economia, direito civil e penal, e muitas outras disciplinas da existência humana, no mundo islâmico, têm desfrutado de uma longa duração e sucesso devido aos princípios religiosos sólidos sobre os quais foram fundados. A própria religião islâmica é praticada hoje como era no tempo do profeta Muhammad ﷺ, tornando o Islam a única religião abraâmica praticada hoje na sua pureza original. Se alguma vez houve um registro de sucesso que testemunha a verdade, é este. Além disso, Allah transmitiu a promessa de que haverá sempre um grupo de pessoas sobre o correto, pois um hadith autêntico relata que Muhammad ﷺ, ensinou: “Haverá sempre um grupo da minha *ummah* (isto é, nação) abertamente comprometido com a verdade até o Dia do Juízo”.¹⁴

Vamos tentar permanecer entre eles.

¹⁴ Bukhari (3441), Muslim (156), Abu Dawud (4252) e Tirmidhi (2229).

2) Os Pilares

Uma vez que uma pessoa entra no Islam, a questão surge, “O que eu faço agora?” A resposta mais curta é: “Vá para casa, tome um banho e comece a rezar.”

Ao entrar no Islam, recomenda-se que a pessoa realize um ritual de purificação, que consiste em banhar todo o corpo na água. Este ritual é normalmente privado e, como o batismo, é simbólico ao renascimento em um novo espírito. A religião islâmica ensina que quando uma pessoa se torna muçulmana, todos os seus pecados anteriores são perdoados. Assim como a alma é purificada dos pecados pela verdade pura do testemunho de fé, o corpo é limpo simbolicamente com a pureza da água.

As práticas físicas que cabem ao convertido são cinco, a primeira é pronunciar a *shahada* (testemunho de fé), entendendo que, juntamente com a *shahada* a pessoa também reconhece implicitamente os fundamentos da fé (crença em Allah, em Seus anjos, nas escrituras reveladas, nos mensageiros, na outra vida e no decreto Divino). Os quatro deveres subsequentes exigidos consistem na oração cinco vezes por dia (nos intervalos prescritos, e de acordo com as regras islâmicas de oração e purificação), no jejum anual do mês de Ramadan, no pagamento anual do *zakat* (ajuda aos pobres) e na peregrinação a Meca durante o período de *Hajj*, uma vez na vida, se física e financeiramente capaz. Agora, recordando a lição acima, a primeira pergunta não deveria ser, “Bem, ok, mas como eu faço essas coisas?” Em vez disso, a primeira pergunta deveria ser, “Ok, tudo bem, mas, por favor, em primeiro lugar diga-me de onde retirou esse ensinamento.”

A resposta é: do Alcorão e da Sunnah. No que diz respeito aos fundamentos da fé, TSA 2:177 inclui o seguinte: “... mas a bondade é a de quem crê em Allah, e no Derradeiro Dia, e nos anjos, e no Livro, e nos profetas...” No que diz respeito aos cinco pilares do Islam, “a bondade é a de... quem cumpre a oração e concede *az-zakah*...” (TSA 2:177), “Ó fiéis, é-vos prescrito o jejum ...” (TSA 2:183-185), e “E completai a peregrinação (*hajj*) e ‘umrah para Allah” (TSA 2:196). Em várias passagens do Alcorão Sagrado, essas crenças são repetidas, reformuladas e enfatizadas e/ou esclarecidas, em conjunto ou separadamente, e a unicidade, onipotência e decreto Divino de Allah são enfatizados repetidamente. Os versículos acima são apenas uma pequena amostra dos ensinamentos do Alcorão. A partir da Sunnah encontramos o que tem sido chamado de o *hadith* de Gabriel, relatado por Umar (companheiro de Muhammad ﷺ, e segundo Califa):

“Certo dia, enquanto estávamos sentados com o Mensageiro de Allah ﷺ, apresentou-se ante nós um homem com roupas extremamente brancas e cabelos extremamente pretos. Não havia sinais de viagem nele e nenhum de nós o conhecia. Ele

[veio e] sentou-se próximo ao Profeta ﷺ. Apoiou seus joelhos contra os joelhos do Profeta ﷺ, e colocou suas mãos sobre as coxas dele. Ele disse: “Ó Muhammad ﷺ, diga-me sobre o Islam.” O Mensageiro de Allah ﷺ, disse: “O Islam é testemunhar que não há nada digno de adoração além de Allah e que Muhammad ﷺ, é o mensageiro de Allah, estabelecer as orações, pagar o *zakat*, jejuar [o mês de] Ramadan, e fazer a peregrinação à Casa se tiver os meios para fazê-lo.” Ele disse: “Você falou a verdade [ou corretamente]”. Nós ficamos maravilhados com o fato de que ele fez a pergunta e, em seguida, disse que foi falada a verdade. Ele disse: “Conte-me sobre o *Imaan* (fê).” Ele [o Mensageiro de Allah ﷺ] respondeu: “É crer em Allah, Seus anjos, Seus livros, Seus mensageiros, no Último Dia e acreditar no decreto divino, [ambos] bom ou mau.” Ele disse: “Conte-me sobre *al-Ihsaan* (consciência de Allah).” Ele [o Profeta ﷺ] respondeu: “É adorar a Allah como se O visses, e mesmo que não O vejas, [sabes que] Ele te vê.” Ele disse: “Conte-me sobre [o tempo da] a Hora.” Ele [o Profeta ﷺ] respondeu: “Aquele que foi questionado não sabe mais do que aquele que questionou.” Ele disse: “Conte-me sobre os sinais.” Ele ﷺ respondeu: “A escrava dará à luz à sua senhora, e verás pastores descalços, escassamente vestidos e carentes competindo na construção de edifícios altos.” Então, ele foi embora. Eu permaneci por um longo tempo. Então, ele [o Profeta ﷺ] disse: “Ó Umar, sabes quem era o questionador?” Eu disse: “Allah e Seu Mensageiro ﷺ sabem melhor”. Ele disse: “Foi [o anjo] Gabriel, que veio para vos ensinar a vossa religião.”¹⁵

E,

O Islam foi construído sobre cinco (pilares): atestar que não há outra divindade senão Allah e que Muhammad ﷺ é o mensageiro de Allah, estabelecer as orações, pagar o *zakat*, fazer a peregrinação à Casa, e jejuar no Ramadan.”¹⁶

Assim, uma vez estabelecida a autoridade dos ensinamentos, podemos continuar.

Os rituais da oração levam tempo para serem aprendidos, e um convertido entenderá que Allah desculpa as deficiências no início, enquanto os convertidos se esforçam em aprender e melhorar. No entanto, as orações

¹⁵ Muslim (8)

¹⁶ Bukhari (8), Muslim (16)

devem ser oferecidas no seu tempo, e o dever do convertido é aprender e aperfeiçoar a oração tão rapidamente quanto possível e, conforme o modo e condições da oração de acordo com a *Shari'a*.

Em algum momento no primeiro ano, o muçulmano convertido irá encontrar o jejum do mês de Ramadan, e a temporada do *hajj* (peregrinação) a Meca, que segue o jejum do Ramadan por dois meses lunares. Ambos os pilares demonstram a praticidade da religião islâmica, pois, embora jejuar pela primeira vez possa ser uma experiência formidável para alguns, o convertido tem o conforto em saber que a incapacidade de jejuar pode ser compensada. E por falar nisso, o jejum não é necessário àqueles que se encontram incapacitados devido a dificuldades como a falta de saúde ou idade avançada. Da mesma forma, o *hajj* é um dever sobre os muçulmanos que sejam capazes (tanto física quanto financeiramente), mas aqueles que não são capazes são dispensados tanto tempo quanto as circunstâncias os impeçam. No entanto, a importância destes pilares religiosos não deve ser subestimada, e uma pessoa só deve aceitar a dispensa se for realmente incapaz de realizar o ritual necessário. Por exemplo, Umar (companheiro de Muhammad ﷺ e o segundo Califa), salientou a importância do *hajj*, ensinando que “o muçulmano que possuir a capacidade de realizar o *hajj*, mas não o fizer, e morrer nesse estado, então, deixem-no morrer como um judeu ou cristão.”¹⁷

O pagamento do *zakat*, o direito dos pobres, é o último dos cinco pilares do Islam a se tornar obrigatório sobre o convertido, pois o *zakat* é pago uma vez por ano. Talvez um dos mais mal-entendidos dos pilares da prática, o *zakat* não é um dízimo, pois o *zakat* não é um percentual de salário. Algumas pessoas precisam de toda a sua renda para viver, e como tal, não podem pagar nada. O *zakat*, então, não é uma porcentagem da renda, mas sim uma porcentagem da riqueza *excedente*, o que significa que os muçulmanos são ordenados a pagar uma pequena caridade (2,5% ou 5%, dependendo da categoria) sobre a riqueza possuída acima e além das necessidades por um período de um ano. Assim, se uma pessoa tem um milhão de dólares por onze meses, mas o perde no duodécimo, nenhum *zakat* é devido. Da mesma forma, se uma pessoa começa o ano com uma casa, um carro, e um salário, mesmo que seja um alto salário, mas termina o ano com a mesma casa, carro, e salário, mas nada guardado excedente às necessidades do ano anterior, nenhum *zakat* é devido. O *zakat* é apenas devido sobre os elementos de riqueza (ex: dinheiro, ouro, culturas, mercadorias destinadas a venda, pecuária, etc.), além das necessidades de uma pessoa, que uma pessoa possua por um ano completo.¹⁸

¹⁷ Bayhaqi (8444)

¹⁸ Islamicamente falando, uma certa quantidade de riqueza monetária é isenta de *zakat*. O montante isento é equivalente ou menor ao valor de mercado de 85 gramas de ouro ou 595

A discussão acima só nos proporciona uma breve introdução para cada um dos cinco pilares do Islam, os quais podem ser, e têm sido, discutidos em um livro dedicado exclusivamente ao assunto. De fato, esse assunto foi discutido muitas vezes. E mais uma vez, o objetivo deste livro não é reproduzir uma informação que já está disponível, mas sim sugerir a melhor maneira em que o convertido ao Islam poderá integrar as práticas da religião em sua vida. No que diz respeito ao assunto presente, a coisa mais fácil seria recomendar um ou uma série de livros sobre o assunto dos pilares do Islam, e em seguida passar para o próximo tópico. Mas, não tão rápido. Há uma dificuldade aqui que se torna aparente rapidamente e que deve ser resolvida antes de prosseguir.

E isso é importante, se não fundamental. A questão é: dada a clara e simples fundação do Islam, sendo a palavra de Allah revelada no Alcorão Sagrado e o exemplo do mensageiro, Muhammad ﷺ, registrado na Sunnah (hadith), uma pessoa poderia esperar uma resposta clara e autorizada a uma pergunta direta. E, em 80-90% dos casos, esta justa expectativa é satisfeita. Mas nem sempre. Em 10-20% as questões religiosas não alcançam uma unanimidade acadêmica. Pois bem, alguns acham a falta de consenso acadêmico perturbadora, mas, na verdade, deve ser tolerada e respeitada. Deixe-me explicar.

2.a.) As Divergências

Como um novo muçulmano, ponderei sobre essa questão da discordância acadêmica com certa confusão. Por cerca de dois anos lutei com esta questão até que um dia conheci um irmão marroquino nas ruas de Cambridge, Inglaterra, enquanto caminhava até a oração congregacional de sexta-feira (*Salat al-Jum'ah*). Nós caímos em discussão sobre este ponto, ao que ele apontou para um edifício e me disse as seguintes palavras, “Você vê esse prédio? Bem, eu sou um engenheiro em estruturas. E posso lhe assegurar que todos os edifícios são concebidos para ter um certo grau de flexibilidade. Isso é necessário, pois todos os edifícios devem ser capazes de flectir com o vento, com terremotos ou tremores de terra, até mesmo com mudanças de temperatura. Se um edifício é muito rígido ele se revelará frágil, e ao menor estresse aparecerão rachaduras, rompimentos estruturais e eventual colapso. O mesmo ocorre com a religião. Há que se ter flexibilidade em uma religião, e no Islam esta flexibilidade é encontrada nas diferenças acadêmicas.”

Em grande medida, este irmão me ajudou a começar a compreender a sabedoria divina por trás desta questão. Com o tempo, passei a entender vários pontos, o primeiro foi que os estudiosos do Islam estão de acordo sobre todas as questões importantes – são apenas com as pequenas, as questões subsidiárias sobre as quais há desacordo. Por exemplo, os estudiosos concordam na exigência de cinco orações diárias e as condições da oração, como o ritual de purificação da pessoa, lugar e vestuário, a maioria dos componentes da própria oração e das condições que validam e invalidam a oração, etc. No entanto, existe discordância entre os eruditos sobre algumas questões pequenas, subsidiárias, tais como: onde os muçulmanos devem apoiar suas mãos enquanto estão em pé durante a oração, como eles devem apontar seu dedo ao sentarem, se a *Basmallah* (a primeira linha de Al-Fatiha, comumente traduzida como “Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso”) deve ser recitada em silêncio ou em voz alta, etc. Essas diferenças de opinião devem ser aceitas e toleradas, pois os grandes estudiosos do passado foram incapazes de resolvê-las, apesar do nível deles de conhecimento e sabedoria que eclipsa o dos estudiosos do presente.

E embora seja verdade que certos assuntos se beneficiam de uma inspecção mais aprofundada, o fato é que a principal preocupação do *fiqh* de nossa época é dirigida a decisões judiciais sobre novas questões relacionadas com mudança social, política e tecnológica. As tentativas de retificar desacordos de mil anos de idade são poucas, e normalmente infrutíferas e frustrantes. Além disso, tais esforços, frequentemente, dividem muçulmanos em campos opostos entre si por mesquinhas, na realidade, por questões relativamente insignificantes. E uma coisa que os muçulmanos não precisam é mais razões para divisão.

É um triste fato que os muçulmanos frequentemente concentram mais sua atenção em alguns pequenos detalhes sobre os quais diferem do que sobre a grande base da religião sobre a qual concordam – em outras palavras, as questões realmente importantes da vida e da religião. É uma verdade perturbadora que durante os períodos em que os muçulmanos estavam sendo vítimas da fome, violados, torturados, e/ou massacrados na Palestina, Bósnia, Afeganistão, Chechênia, Caxemira, Burma, etc., outros muçulmanos na América e Inglaterra estavam discutindo sobre se deveriam alinhar-se para a oração pelas pontas dos seus dedos, pelos tornozelos, ou pelos calcanhares.

Talvez esta atitude de focar em questões menores seja apenas parte da natureza meticulosa do ser humano, mas, no entanto, talvez seja uma ferramenta do *Shaitan* (Satanás) para distrair os muçulmanos dos problemas mais críticos de suas vidas e de sua religião. Seja qual for o caso, o efeito é destrutivo e, ao convertido sincero, perturbador. Por um lado, o convertido abraça o Islam à procura de um mundo de paz espiritual através da certeza religiosa. Por outro lado, o convertido encontra os muçulmanos discutindo, e, às vezes, até lutando por diferenças pouco importantes que seria melhor se toleradas e abandonadas, em vez de celebradas à solidariedade da verdadeira fé.

Dito tudo isso, uma pessoa naturalmente assume que haja apenas uma resposta correta para qualquer pergunta, e deseja corrigir quaisquer diferenças que existam. Às vezes isso é possível, e outras vezes não, mas 100% das vezes simplesmente não é necessário, pois os fundamentos da religião islâmica estão claros e acordados pelo *ijma* (consenso) dos estudiosos sunitas; e o desacordo sobre os pequenos elementos secundários é facilmente desculpado com base no ensinamento islâmico de que as ações são julgadas pela intenção (ahadith autênticos relatam que o profeta ﷺ ensinou: “As ações são conforme a intenção e cada pessoa receberá o que intencionou.”¹⁹), em combinação com a insignificância relativa de tais diferenças.

O ponto é que o processo de resolução das questões islâmicas nem sempre resulta em um julgamento exato ou uniforme, e isso é bom. Ninguém é perfeito e até mesmo os estudiosos estão sujeitos a divergências de opinião e, às vezes, até mesmo a erros. Erros podem ser cometidos, mas na religião islâmica as qualificações da pessoa que comete o erro são levadas em consideração. Erros cometidos por estudiosos são perdoados por Allah, o Altíssimo, enquanto erros de julgamento legal cometidos por leigos são punidos. Pois a questão não se limita ao fato de um julgamento legal específico estar certo ou errado, mas também envolve se o *processo* a desenvolver este julgamento é correto. Os estudiosos são obrigados por seu

¹⁹ Bukhari (1), Muslim (1907)

dom de conhecimento a julgar de acordo com seu nível de especialização, e todos os outros são obrigados a seguir. Leigos, no entanto, condenam-se por julgar inapropriadamente para o seu nível de formação e conhecimento. Os ocidentais, geralmente criados para questionar a autoridade em todos os níveis, podem achar esta fórmula irritante ou desconfortável, mas, ainda assim, é a tradição islâmica relacionada ao conhecimento.

A descrição acima não significa que uma pessoa não pode, ou não deve, questionar a evidência que apoia o parecer particular de qualquer estudioso. Não... tais questionamentos são geralmente bem recebidos, desde que o aluno pergunte no processo de busca do conhecimento, e não em uma tentativa de contestar ou refutar o estudioso – tal comportamento argumentativo pode ser aceitável de outros com nível acadêmico semelhante, mas é geralmente considerado como inadequado ou desrespeitoso por parte de um estudante. Então, questionar a autoridade é aceitável se for feito com humildade e boas maneiras pois, como dito acima, as ações são julgadas pelas intenções.

Com o tempo e a educação, o novo muçulmano normalmente vem a apreciar a normas extremamente rígidas dos estudos islâmicos qualificados, o que se mostra intimidador para aqueles formados em instituições educacionais dos relativamente suaves padrões acadêmicos do conhecimento ocidental.²⁰ Uma vez que um convertido ou estudante da religião reconhece a grande diferença entre estudiosos e leigos no Islam, a necessidade de se submeter à maior qualificação dos estudiosos se torna evidente. Além disso, a paz, segurança e facilidade de adoção desta prática não é estranha aos convertidos à religião, muitos dos quais lutam para reencontrar o sentimento de paz que, inicialmente, acompanha a conversão ao Islam. A paz de viver uma vida e

²⁰ Para uma explicação das qualificações dos estudos islâmicos, consulte:

1) *Principles of Islamic Jurisprudence* (Princípios de Jurisprudência Islâmica), Mohammad Hashim Kamali, Islamic Texts Society, pp 374-379 (capítulo intitulado: Condições [*Shurut*] de *Ijtihad*).

2) *Estudos em Usul Ul Fiqh*, por Iyad Hilal, (Islamic Cultural Workshop, caixa postal 1932, Walnut, CA 91789, (909) 399-4708), Seção 8.1 – Qualificações para atuação da *Ijtihad*, pp 103-105.

Os dois livros acima definem as qualificações de um *mujtahid* (um estudioso islâmico qualificado para deduzir e derivar o *fiqh*). A fim de começar a entender as complexidades da lista de qualificações discutidas, é ainda referido ao leitor:

1) *Uma Introdução às Ciências do Alcorão*, por Abu Ammaar Yasir Qadhi, Al-Hidaayah Publishing.

2) *Estudos em Hadith Metodologia e Literatura*, por Muhammad Mustafa Azami, American Trust Publications.

3) *Literatura de Hadith: suas origens, desenvolvimento e características especiais*, por Muhammad Zubayr Siddiqi, Islamic Texts Society.

Nota: O leitor não precisa estudar os livros acima com profundidade, mas deve, pelo menos, aprofundar o conteúdo até o ponto em que a mente entenda as complexidades, pois é neste nível que a modéstia prevalecerá, com o resultado esperado do amortecimento da inclinação ao julgamento pessoal em matéria de *fiqh*, combinada com a valorização da rara genialidade desses indivíduos por terem alcançado o estatuto de um *mujtahid*.

religião de verdade, a segurança de seguir as decisões dos estudiosos, e a facilidade de implementação da religião com base em acadêmicos qualificados é facilmente perceptível a todos os que abraçaram a simplicidade de tal caminho. Neste esquema os estudiosos têm a responsabilidade sobre suas decisões; os estudantes e os leigos têm a responsabilidade de aderir aos ensinamentos dos estudiosos; e todos vão para casa felizes, realizados, e tranquilos por estarem processualmente corretos. Por outro lado, aqueles inclinados a reinventar a roda do *fiqh*, em geral, encontram-se entregues à discussão e discórdia, com a paz e tranquilidade do caminho correto e seguro interrompidas pelo esforço inútil de redefinir o *fiqh* baseando-se em eruditos imaturos, desqualificados.

Mas, e se um erro é cometido? Esta questão assombra os corações e mentes dos crentes, pois os verdadeiros crentes frequentemente se preocupam com questões de menor importância por zelo pelo aperfeiçoamento da fé e adoração. Mas o ponto é este: se todos estão fazendo o que deveriam fazer, ninguém é censurado. O Islam ensina que Allah agracia o sábio com a recompensa de uma boa ação pelo esforço próprio para chegar a um juízo, e com a recompensa de outra boa ação por estar correto. Por isso, os estudiosos são recompensados com duas boas ações se estiverem certos em seu juízo, e uma boa ação se estiverem errados, simplesmente por terem cumprido a responsabilidade de afirmar o conhecimento com o qual foram confiados. Leigos têm um nível diferente de responsabilidade, e são recompensados pelo cumprimento do seu dever em seguir os estudiosos. Por outro lado, os leigos não são responsabilizados por aderirem a erros pouco evidentes por parte dos estudiosos, pois não se espera que os leigos tenham as ferramentas acadêmicas que permitam conhecer melhor. Então, se os estudiosos determinam o *fiqh* de acordo com suas habilidades (sem fugir das suas funções e sem ultrapassar os limites de seu conhecimento), e se os leigos seguem o *fiqh* previsto por estudiosos respeitados (seguindo a opinião daqueles estudiosos que julgam de mais conhecimento e confiança, e não escarnecendo do processo buscando a opinião que desejam, onde quer que possam encontrá-la), então todo mundo estaria correto no processo, ninguém seria censurado, e todos poderiam estar relaxados, felizes e em paz tanto com sua família na fé, quanto com Allah.

Então, por que não funciona dessa maneira?

Simplesmente porque há zelo religioso exagerado, desacordo e intolerância quando se trata de diferenças no *fiqh*. Ser rígido e inflexível pode ser bom quando se trata de questões de *aqidah* (crença), que permitem pouco ou nenhum espaço para divergência, mas as diferenças acadêmicas no *fiqh* foram reconhecidas, toleradas e respeitadas desde o tempo dos primeiros sábios. Aqueles muçulmanos que não respeitam essas diferenças travam uma batalha contra uma avalanche de mais de mil anos de convivência acadêmica

pacífica, apesar das diferenças no *fiqh* que desafiam uma resolução. Esses muçulmanos são tipicamente problemáticos, histéricos, intolerantes, rígidos e inflexíveis, e são frequentemente encontrados no centro de qualquer discussão, expressando a opinião mais forte com a mais alta das vozes, o menor conhecimentos e os piores modos. Infelizmente, eles são tão comuns nas Américas, Inglaterra, e Europa Ocidental que são presentes em praticamente todas as mesquitas do mundo ocidental. Tais indivíduos devem ser tratados com cautela, aconselhados e, se necessário, evitados. Às vezes, eles se acalmam e suavizam com o tempo, às vezes não. É uma batalha difícil, que é frequentemente frustrante e muitas vezes perdida. Mas talvez essas pessoas ouvirão o melhor dos conselhos, pois no Alcorão Sagrado é registrado que o servo justo, Luqman, aconselhou seu filho a respeito,

“Ó meu filho! Cumpre a oração e ordena o conveniente e coíbe o reprovável e pacienta quanto ao que te alcança. Por certo, isso é da firmeza indispensável em todas as resoluções. E não voltes, com desdém, teu rosto aos homens, e não andes, com jactância, pela terra. Por certo, Allah não ama a nenhum presunçoso, vanglorioso. E modera teu andar e baixa tua voz. Por certo, a mais reprovável das vozes é a voz dos asnos.” (TSA 31:17-19)

Além disso, uma das lutas do convertido é manter uma sensação de paz interior, que pode ser difícil quando opiniões acadêmicas conflitantes distraem da aprendizagem dos fundamentos de fé e prática. No entanto, gostaria de oferecer o conselho que o Islam é a religião do caminho do meio, e quando uma pessoa procura, com sinceridade, o caminho do meio quase sempre pode ser encontrado. O caminho do meio é um caminho de moderação, sobre o qual as gerações anteriores cunharam o ensino, “moderação em todas as coisas”. Como se relaciona com a prática do Islam, um melhor provérbio ocidental pode ser difícil de encontrar. Os convertidos devem viver no caminho reto, o do meio do Islam, eu simplesmente aconselharia aos muçulmanos que procurassem os tranquilos, que não sejam intrusivos, que pareçam estar praticando sua religião evitando diplomaticamente os ruidosos e problemáticos membros da comunidade muçulmana. Uma pessoa não errará relembando as palavras de abertura da *Desiderata*:

“Vá placidamente por entre o barulho e a pressa
e lembre-se que paz pode haver no silêncio.

Na medida do possível, sem se render,
mantenha boas relações com todas as pessoas.

Fale a sua verdade mansa e claramente
e escute os outros, mesmo os estúpidos e ignorantes;
Eles também têm sua história.

Evite pessoas barulhentas e agressivas;
Elas afligem o espírito...”

Os sábios, por outro lado, nutrem e aquecem o espírito. Eles podem ser encontrados nos círculos de conhecimento, boas maneiras e boa vontade. Paz e segurança são encontradas em sua presença e ensinamentos.

2.b.) Os Sábios e o *Fiqh* (Lei Islâmica)

Como discutido acima, todos os grupos que reivindicam a bandeira do Islam, sejam corretos, desviados, ou mesmo completamente fora do Islam, professam seguir o Alcorão e a Sunnah, como interpretados pelos “sábios” (ou “*ulema*” em árabe). “*Ulema*” soa tão exótico e autoritário que uma pessoa pode facilmente ser seduzida pelo comentário que, “Os *ulema* do Islam ensinam...” ou “Os *ulema* do Islam dizem...” Mas, quem são estes ‘*ulema*’ elusivos que todo mundo afirma seguir? Obviamente, vários grupos têm igualmente várias opiniões sobre qual o corpo de sábios ou pseudo-sábios constituem o seu conceito de “*ulema*”. Como, então, um convertido à religião saberá quem são os verdadeiros estudiosos, e como discernirá quanto às questões sobre as quais eles diferem?

Inicialmente, deve-se entender que as diferenças acadêmicas sobre elementos secundários do *fiqh* islâmico devem ser respeitadas e toleradas. Por outro lado, questões que alcançaram o *ijma* (consenso) dos sábios devem ser confirmadas e não debatidas. Assim, pode haver espaço para o debate educado e a investigação, entre os *estudantes do conhecimento* e os sábios, sobre questões de divergência acadêmica, mas há pouco ou nenhum espaço para o debate sobre questões que têm alcançado o *ijma* dos sábios, seja entre os imams das quatro madhhabs (escolas de pensamento jurídico)²¹ ou entre os respeitados sábios de períodos posteriores na história islâmica. Além disso, aqueles que debatam questões de *fiqh* sem conhecimento ou formação suficientes devem ser evitados a todo o custo, pois este é o território dos sábios competentes, e apenas sábios qualificados. TSA 4:83 relata,

“E, quando algum assunto de segurança ou medo lhes chega, divulgam-no. E, se eles o levassem ao Mensageiro e às autoridades entre eles, os que o desvendam, por meio desses sabê-lo-iam. E, não fora o favor de Allah para convosco e Sua misericórdia, haveríeis, exceto poucos, seguido a Satã.”

Então, para começar, os muçulmanos deveriam parar de arriscar sua salvação pela opinião de muçulmanos não qualificados cuja desorientação pode se aproximar à do próprio *Shaitan* (Satanás). Em segundo lugar, eles deveriam parar de lutar acerca dos problemas pequenos, secundários, os quais 1.400 anos de erudição qualificada não conciliaram, e que não são muito importantes em qualquer caso. Por exemplo, as questões de *aqidah* (crença) são muito mais importantes do que onde as pessoas colocam seus pés e mãos

²¹ A maioria dos muçulmanos do mundo seguem uma das quatro madhhabs (Estas madhhabs são conhecidas como Shafi, Hanafi, Hambali, e Maliki, seguindo os nomes dos Imams cujas interpretações das evidências islâmicas formaram a base de cada madhhab).

durante a oração. Da mesma forma, os muçulmanos precisam parar de desafiar as questões, grandes ou pequenas, sobre as quais 1.400 anos de conhecimento concordaram por unanimidade, já que não temos o nível de conhecimento necessário para rivalizar com os grandes sábios do passado, estas questões estão decididas e enterradas.

Em seguida, os muçulmanos devem reconhecer que há aspectos práticos para se aproximarem do conhecimento islâmico. O novo convertido precisa ser direcionado para o caminho correto, o mais cedo do possível, tornando-o confortável, e mais importante, não devemos espantá-los da religião por incessantes e insistentes desacordos. A mudança radical de ponto de vista religioso é uma síndrome comum para o novo convertido, provocada pela confusão do encontro de múltiplos pontos de vista fortes e conflitantes. As mudanças radicais de um extremo a outro do pensamento, muitas vezes cruzando o caminho reto e mediano da moderação, em oscilações senoidais fora de controle e, em grande parte, desprovidas de sentido são assustadoras e confusas, e não apenas para o convertido. Enquanto os novos convertidos podem inicialmente sofrer com a confusão e insegurança de não conseguir encontrar orientação confortável e definitiva, pessoas próximas a eles, ou seja, amigos e familiares preocupados, a quem o novo muçulmano espera alcançar com a *dawa* (convite) islâmica, podem ser influenciadas negativamente pelo testemunho das fortes oscilações e indecisões do pensamento e prática típicos do convertido ocidental. O novo convertido, eventualmente, toma o controle sobre a religião e amortece as oscilações, mas muitos não o fazem e alguns, desgastados por uma incapacidade de dirigir em linha reta, por assim dizer, deixam o Islam inteiramente.

A *aqidah*, geralmente, não é o principal problema da confusão para o novo convertido, pois a clareza da *aqidah* é geralmente a razão para a conversão, em primeiro lugar. A maioria dos novos convertidos entram no Islam como resultado de haver-se dado conta que os simples ensinamentos do Alcorão sobre *aqidah* e *tawhid* coincidem com o seu sistema inato de crença. Só mais tarde as diferenças na *aqidah*, por vezes, se tornam um artigo de estudo, tal como discutido abaixo.

Diferenças no *fiqh*, no entanto, são usualmente o principal problema da confusão. O novo convertido tem frequentemente a experiência de ir rezar pela primeira vez e ser instruído a alinhar os dedos do pé, colocar as mãos assim, fazer tal e tal com o dedo ao sentar-se, sentar-se de tal e tal maneira, etc. No dia seguinte, algum irmão ou irmã bem intencionado pode observar o novo convertido e se sentir impelido a instruí-lo alinhando seus pés ou tornozelos, segurando as mãos em outro lugar, balançando o dedo em vez de aponta-lo, etc. Depois de algumas rodadas de irmãos ou irmãs bem-intencionados jogando o novo convertido contra as várias paredes do *fiqh* menor, porém conflitante, alguns convertidos se cansam e desistem,

deixando os irmãos e irmãs bem-intencionados, mas desorientadores, perguntando-se o que fizeram de errado, quando, na verdade, eles simplesmente tinham confundido o convertido com uma sobrecarga de informações conflitantes, afastando-o da mesquita.

Então, qual é o caminho mais seguro e melhor pelo qual os novos muçulmanos podem aprender e praticar sua religião do Islam? A resposta a essa pergunta varia de um “sábio” para outro, mas felizmente oferece apenas algumas possibilidades. Para começar, muitos estudiosos e imams tendem a recomendar livros modernos de jurisprudência islâmica, como *Fiqh us-Sunnah*, por Sayyid Saabiq, tratados menores de Nasr Ad-Din Al-Albani e outros, e um estudo pessoal das coleções de *hadith* e *tafsir*. Outros dirigem o novo muçulmano para livros fundamentais de uma das quatro *madhhabs*. O *Manual of Islam* e *Reliance of the Traveler* de al-Nawawi, ambos traduzidos por Nuh Ha Mim Keller, são as melhores traduções dos livros fundamentais do *fiqh Shafi* na língua inglesa que este autor conhece, embora ambos carreguem a mácula infeliz da forte influência do Sufismo e *aqidah* Ashari do tradutor.

Dito isto, todos os livros acima têm seus defensores e antagonistas, e cada indivíduo deve, simplesmente, investigar as várias opiniões, a fim de decidir qual seguir. Inicialmente, isto é. Não é surpreendente que muitos que, primeiramente, embarquem em um caminho de estudo, eventualmente, gravitem em torno de outro. Este processo não é totalmente insalubre, pois as pessoas podem escolher melhor a sua direção depois de pesar todas as opções. Eu sugeriria, no entanto, que grande parte da indecisão inicial e vacilação entre as escolas de pensamento resulta de mal-entendidos quanto aos papéis dos *madhhabs* e o que é conhecido, em termos atuais, como o movimento Salafi. Muitos consideram estas duas entidades como estando em conflito uma com a outra e, externamente, isso pode parecer verdade. No entanto, quando investigadas, os muçulmanos reconhecem que estas duas escolas de pensamento são, na verdade, complementares, pois os *madhhabs* foram originalmente desenvolvidos como escolas de *fiqh*, enquanto o movimento Salafi é um de reforma islâmica. As reformas salafis se concentram, principalmente, na correção desses erros, que tinham crescido para corromper a *ummah* muçulmana em geral e o sistema de *madhhab* em específico, com as questões mais importantes sendo:

- 1) Erros na *aqidah*, que se tornaram institucionalizados nos *madhhabs* através da lamentável adoção das *aqidahs* Ashari e Maturidi;
- 2) A prática do Sufismo, que não só se tornou fanático e extremista, mas que também se tornou aparente e intimamente ligado aos *madhhabs* após o período de Abu Haamid Muhammad al-Ghazali (1058-1111 EC);

- 3) A relativa falta de vontade de estudiosos dos *madhhab* em modificar o *fiqh* de sua *madhhab* ao lhes serem apresentadas evidências de ahadith conflitantes, apesar do mandato religioso de fazê-lo ao deparar-se com uma evidência válida de hadith;²²
- 4) *Taqlid*, ou obediência cega, por parte dos adeptos de *madhhabs*;
- 5) E a infiltração de costumes não-religiosos (incluindo os revividos do período da ignorância) nas práticas da religião islâmica.

O movimento Salafi não é, nunca foi, primordialmente, um movimento de *fiqh*, e os *madhhabs* não são, praticamente, senão isso. Então, na verdade, essas duas escolas apoiam e complementam uma à outra. O *fiqh* dos *madhhabs* constitui a base sobre a qual a pesquisa moderna do *fiqh* é amplamente baseada, enquanto a ideologia salafista identifica e corrige esses erros que, ao longo dos séculos, fraudulentamente se infiltraram nas crenças e práticas dos muçulmanos, que, em sua maioria, adere a uma das quatro *madhhabs*. Assim completa e universal foi a infiltração do Sufismo e também da *aqidah* Ashari ou Maturidi no mundo dos *madhhabs* que, com o tempo, chegaram a ser considerados parte integrante nos *madhhabs*. Isso não reflete o pensamento no período das origens, e o mundo muçulmano deve agradecer aos salafis por identificar e anunciar este fato.

²² Os quatro *madhhabs* reivindicam possuir uma estrutura dinâmica com provisão para modificação progressiva no *fiqh*, quando apresentados novos conhecimentos. No entanto, tais mudanças estão em escassa evidência, e é difícil encontrar tais mudanças no *fiqh* de uma *madhhab* dominante, dado o que muitos têm argumentado, relativamente, ser prova conclusiva. As seguintes declarações dos imames dos quatro *madhhabs* são claras:

1. Abu Hanifa – “Quando o Hadith é autêntico, então, esse é o meu *madhhab*” (Ibn Abidin, *Al Hashiyah*, p. 1/63) e “Se eu fizer uma declaração em desacordo com o que está no livro de Allah, ou em desacordo com uma afirmação do Seu Mensageiro, então, abandone a minha declaração.” (Al-Fulani, *Iqath Al Himam*, p. 50)
2. Malik – “Eu sou apenas um homem; cometo erros e em certas ocasiões acerto. Portanto, analisem minhas opiniões; tudo o que está de acordo com o Livro e a Sunnah, então, tome-o, e tudo o que não está de acordo com eles, então, deixe-o.” (Ibn Abd Al Barr, *Al Jami*, p. 2/32)
3. Shafi – “Quando o Hadith é autêntico, então, este é o meu *madhhab*” (Al-Nawawi, *Al Majmu*, p. 1/136); “Cada problema sobre o qual há uma declaração autêntica narrada a partir do Mensageiro de Allah e que vai contra aquilo o que eu disse, então eu me retrato de minha declaração durante a minha vida e depois dela” (Abu Na'im, *Al Hilyah*, p 9/107.); e “Qualquer hadith (autêntico) do Profeta, considerem-no como minha opinião, mesmo se não o tenha ouvido de mim” (Ibn Abi Hatim, *Adab Al Shafi*, pp 93-94.); “Há um consenso entre os muçulmanos que aquele a quem é mostrada a Sunnah do Profeta está proibido de a deixar pela palavra de alguém, não importa quem possa ser essa pessoa.” (Al Fulani, *Al Iqath Himam*, p. 68).
4. Ahmad ibn Hanbal – “Não me sigam cegamente, nem a Malik, nem a Shafi, nem a Al-Awzafii, nem a Al-Thawri. Em vez disso, sigam o que eles seguirem” (Al Fulani, *Iqath Al Himam*, p. 113).

Tendo dito isso, uma pessoa pode, facilmente, entender o porquê do movimento Salafi e os *madhhabs* serem frequentemente considerados em desacordo um com o outro. Pois, embora, na verdade, não sejam; na prática, os adeptos dessas diferentes escolas frequentemente falham em separar os problemas. Muitos 'Salafis' ignorantes reflexivamente descartam o *fiqh* dos *madhhabs*, jogando fora o bom junto com o mau, por assim dizer, porque não diferenciam entre a importância do *fiqh* dos *madhhabs* e os desvios da crença e prática que se associaram com os *madhhabs* ao longo do tempo. Outros salafis consideraram erroneamente as diferenças do *fiqh* como sendo o principal assunto, quando, na realidade, as principais questões foram as listadas acima. Do outro lado da equação, adeptos dos *madhhabs* frequentemente veem os salafis com animosidade, porque a ideologia salafista desafia a *aqidah* e Sufismo que eles têm considerado parte integral de sua *madhhab* específica. Esta hostilidade é, claro, verdadeira, e sobre estas questões simplesmente há que se tomar partido – a favor ou contra o Sufismo, a favor ou contra a *aqidah* Ashari ou Maturidi, etc. Vamos reconhecer, no entanto, que não é o *fiqh* dos *madhhabs* que está sendo desafiado, senão os erros na *aqidah*, os desvios do Sufismo, a estagnação no *fiqh*, a obediência cega por parte dos adeptos, e a adoção de práticas não islâmicas.

O resultado final é que aqueles muçulmanos equilibrados normalmente alinham-se num caminho mediano, entre os extremos, buscando o benefício dentro de ambos os grupos, que, na opinião deste autor, significa reconhecer a excelência do *fiqh* dos *madhhabs* por um lado, e o mérito de reformas salafis, por outro.

Esta opinião não é sem precedentes, pois todos os estudiosos que reviveram a ideologia salafi (incluindo Shaikh al-Islam Ibn Taymiyah, Ibn Qayyim al-Jawziyah e Muhammad ibn Abdul-Wahhaab), começaram seus estudos como seguidores de um dos *madhhabs* tradicionais, aprovaram este meio de estudo, e nunca tentaram derrubar qualquer uma dessas escolas de *fiqh*. Em vez disso, tentaram reviver os *madhhabs*, mas, ao mesmo tempo, reformar a forma em que estes eram seguidos. Além disso, nenhum destes estudiosos jamais afirmou ter estabelecido uma nova escola de *fiqh*, apesar do fato que, dada a sua popularidade e desempenho acadêmico, sem dúvida, poderiam ter pensado nisso, caso fosse apropriado. E, na verdade, em cada ponto da história do milênio passado, a grande maioria dos muçulmanos, leigos e estudiosos (sábios salafis, inclusive), aderiu a um dos quatro *madhhabs* tradicionais.

Face ao exposto, e considerando que a maioria dos muçulmanos tem-se unido no processo de seguir o *fiqh* dos *madhhabs* por mais de mil anos, pode-

se querer recordar o hadith que registra o ensinamento de Muhammad ﷺ, “Minha *ummah* (nação) nunca se unirá em um erro”²³.

Alguns sábios (tipicamente aqueles dos *madhhabs*) consideram obrigatório para os leigos seguir um *madhhab*, enquanto outros (tipicamente os do movimento Salafi) não. Qualquer que seja a opinião que se aceite, seria bom notar que, possivelmente, todos os estudiosos, independentemente de sua escola, reconhecem e honram a excelência do *fiqh* dos quatro *madhhabs*.

Da mesma forma, os méritos do movimento Salafi são numerosos, e relativamente transparentes. Para começar, se o caminho dos salafis é definido como a via de emulação dos predecessores virtuosos e os melhores desta *ummah* do Islam, quer dizer, os companheiros de Muhammad ﷺ (ou seja, os *salaf*, a partir do qual deriva o nome do movimento), então, os muçulmanos não deveriam aspirar esta realização? Pois qual muçulmano não gostaria de ser como os *salaf*? Em segundo lugar, se o movimento salafi é definido como um movimento para corrigir os desvios listados acima, não devem todos os muçulmanos aspirar à adesão? O problema, então, é que, em relação ao *fiqh*, não há um corpo consensual de ensinamentos definidos como o *fiqh* do movimento *salafi*. Por outro lado, há muitos livros e tratados, alguns tão curtos quanto panfletos, outros tão volumosos quanto tomos (tais como os ensinamentos e *fatwas* do Shaikh al-Islam Ibn Taymiyah), que complementam o corpo de literatura do *fiqh*. E, porque muitos desses livros e tratados estão traduzidos para o idioma inglês (e alguns em outros idiomas), eles estão prontamente disponíveis em tamanhos práticos e são altamente úteis. Entretanto, argumentar que esses livros substituem o *fiqh* dos quatro *madhhabs*, no entanto, é uma posição precária e a causa de muita discórdia e divisão entre aqueles que defendem tais temas.

Ambos os grupos, *madhhab* e salafi, então, têm grande praticidade, uma vez que seus pontos fortes e limitações sejam reconhecidos. É claro, existem aqueles nos limites do extremismo que condenam categoricamente qualquer escola que não seja a sua, mas muçulmanos mais moderados buscam um caminho do meio entre os limites desses extremos, e reconhecem o benefício tanto do *fiqh* dos *madhhabs*, quanto das reformas do movimento salafi. E isto é exatamente o que muitos estudiosos salafis têm feito: seguindo os ensinamentos salafis no que diz respeito à *aqidah* e purificação da alma (o que equivale à rejeição dos ensinamentos derivados das escolas Ashari e Maturidi, no que diz respeito à *aqidah*, e do Sufismo, no que diz respeito à purificação espiritual, em favor dos ensinamentos claros do Qur'an, da Sunnah, e das primeiras três gerações de muçulmanos piedosos), e um *madhhab* específico em relação ao *fiqh* (mas permanecendo consciente à premissa de priorizar as evidências islâmicas acima dos ensinamentos de

²³ Tirmidhi (2167), Ibn Majah (3950), Ahmad (17060)

qualquer *maddhab* específico, quando os dois estão em conflito, evitando assim o erro de se seguir cegamente).

Voltando ao assunto dos livros de *fiqh*: *Fiqh as-Sunnah*, por Sayyid Saabiq, é amplamente respeitado (especialmente no Egito) e é um ponto de partida comum para muitos novos convertidos. *Fiqh as-Sunnah*, no entanto, não está traduzido ao inglês em sua totalidade, e muitos acham-no insatisfatório devido à falta de detalhes. Ademais, alguns questionam as qualificações do autor, e este é um ponto de discórdia.

Como mencionado acima, os únicos livros fundamentais de qualquer um dos *madhhabs* (no idioma inglês), até esta data, que combina informação bastante compreensível com excelência de tradução são os de Nuh Ha Mim Keller (*Manual of Islam* e *Reliance of the Traveler* de Al- Nawawi). E embora Nuh Keller tenha estado sob críticas consideráveis por seus laços com o Sufismo e a promoção da *aqidah* Ashari, bem como por certos comentários que ele faz nos livros de sua tradução, seus livros são amplamente respeitados pela precisão da tradução. Felizmente, então, os comentários pessoais de Keller são indicados por um pequeno “n” que antecede cada comentário, pois é importante que o leitor seja capaz de diferenciar a tradução, o que é bem respeitado, dos comentários pessoais de Keller, os quais não são. Sua crítica ao Shaikh al-Islam Ibn Taymiyah, em particular, é esperada, dado o fato de que Ibn Taymiyah esteve em guerra com as próprias escolas de *aqidah* e o Sufismo ao qual Keller adere. As notas de Keller sobre Sufismo e *aqidah* são igualmente previsíveis e refletem seu preconceito sobre esses assuntos.

Os argumentos a favor ou contra os *madhhabs*, Salafi vs. *aqidah* Ashari ou Maturidi, Sayyid Saabiq, Nuh Keller, e até mesmo a favor ou contra a metodologia de tentar derivar novamente o *fiqh* através da análise pessoal do Alcorão e hadith (disciplina reconhecida pelos sábios como sendo o território exclusivo de estudiosos e acadêmicos) são abundantes e estão disponíveis através de livrarias islâmicas e na internet. Para benefício do leitor, no entanto, vou dizer apenas que uma das mais excelentes investigações sobre os *madhhabs* é o pequeno artigo, *Understanding The Four Madhhabs* (Compreendendo os Quatro Madhhabs), por Abdal Hakim Murad (também conhecidos como Abdal Hakim Winter, também conhecido como T. J. Winter), o mais eloquente autor, embora ele próprio seja uma figura controversa. Este artigo também está disponível através de livrarias islâmicas e na internet.

3) A Prática

Uma vez que o convertido abraça o Islam através da proclamação da *shahada*, os pilares do Islam tornam-se incumbências a ele, como discutido acima. Aprender e aplicar estes pilares se transforma na pedra angular sobre a qual depende a religião da pessoa, e isso é facilitado selecionando e seguindo uma das respeitadas escolas de *fiqh* do Islam sunita.²⁴ Se alguém se inclina a um dos *madhhabs*, a regra geral é não considerar qualquer *madhhab* melhor que os outros, mas considerar os quatro *madhhabs* equivalentes em excelência, e dedicar-se aos ensinamentos de qualquer *madhhab* mais facilmente disponível. Para a maioria dos muçulmanos nos Estados Unidos e Inglaterra, o *madhhab* Shafi prova-se o mais facilmente aprendido, simplesmente porque os livros dos outros *madhhabs* não foram traduzidos para o idioma inglês com o mesmo grau de excelência.²⁵

Livros promovidos através de sociedades ‘salafis’ ou de ‘Qur’an e Sunnah’ são, geralmente, de valor significativo, pois, frequentemente, apresentam um conteúdo útil, tamanho conveniente, e erudição competente. Muitos outros, porém, apresentam nível acadêmico inferior e refletem mais as opiniões do autor do que a compreensão dos *ulema*. Portanto, há que se confiar na orientação de Allah e nas recomendações de respeitados irmãos e irmãs na fé, mantendo-se, ao mesmo tempo, tanto seletivo quanto crítico.

Por outro lado, muitos novos convertidos optam por seguir os ensinamentos de qualquer *imam* ou sábio que esteja à mão, geralmente se trata do *imam* da mesquita local. Dependendo das pessoas envolvidas, esta pode ou não ser uma fórmula de sucesso, pois a maioria dos *imams* no ocidente não têm as qualificações acadêmicas, mais do que alguns são corruptos, e muitos são desviados, intencionalmente ou por ignorância. O novo convertido faria bem mantendo isso em mente, e apegando-se aos ensinamentos dos estudiosos tradicionais e respeitados, cuja excelente reputação os precede.

Um erro dolorosamente comum é confiar na opinião de todos e quaisquer muçulmanos “étnicos”, ou seja, aqueles nascidos no Islam. Isto pode vir como um choque para os novos convertidos, mas, os muçulmanos “étnicos” no ocidente são, muitas vezes, os piores representantes do Islam. Na realidade, esses muçulmanos frequentemente dão ao Islam um mau nome, e em vez de ajudar os novos convertidos muçulmanos, fazem com que suas vidas, na sua nova religião, sejam confusas ou difíceis. Isto, naturalmente, não ocorre em todos os casos, mas é encontrado com frequência suficiente para justificar sua menção.

²⁴ Sem seguir cegamente, e sem ir aos extremos.

²⁵ Veja os livros de *fiqh Shafii* anteriormente mencionados, traduzidos por Nuh Ha Mim Keller.

Há muitas razões pelas quais os muçulmanos 'étnicos' estão aquém de ser o melhor dos exemplos, mas não menos importante é o fato de que muitos destes muçulmanos vêm para o ocidente com um propósito, e esse propósito é frequentemente tudo, exceto religião. Para ser sincero, muitos muçulmanos “étnicos” fazem *hijra* da terra dos muçulmanos para a terra dos incrédulos em busca da *dunia* (as coisas materiais deste mundo). Estes são muçulmanos que definem a prioridade na *dunia* sobre a religião, comprometendo uma pela outra, e, assim, não se espera que estejam dentre os melhores representantes do Islam. Na verdade, muitos deixaram a religião do Islam quando cruzaram as fronteiras de seus países, se, para começar, alguma vez foram muçulmanos praticantes. E muitos não foram. Para ser justo, no entanto, alguns indivíduos encontram tais dificuldades que os motivam ao retorno à religião, e uma certa porcentagem destes realmente torna-se melhor do que aqueles muçulmanos que ficaram para trás em suas terras nativas. Mas, no entanto, muitos bons muçulmanos têm emigrado para a América, Inglaterra ou Europa, a fim de escapar da perseguição em sua terra natal, simplesmente porque eram os melhores e mais praticante dos muçulmanos em um país que perseguiu muçulmanos praticantes. Assim, a mistura de muçulmanos “étnico” é realmente uma mosaico colorido de perfis religiosos, que vão desde alguns dos piores a alguns dos melhores.

O novo convertido, apenas, não deve esperar que todos sejam santos ou anjos. Apenas uma pequena minoria fracionada chega, de alguma forma, perto de o ser.

Da mesma forma, o novo convertido deve esperar um certo grau de dificuldade ao entrar no Islam. Os convertidos frequentemente confessam que lhes parecia sofrerem testes de fé ao se converter ao Islam, e, muitas vezes, estes testes pareciam envolver aquilo ao qual o convertido dava prioridade na vida antes do Islam. Se uma questão de saúde, riqueza, cônjuges, filhos, ou o que quer que seja, o novo convertido pode esperar ser testado, pois a dificuldade é o teste da sinceridade. Alguns têm êxito, alguns fracassam e, no final, estes testes tendem a separar os que não são sinceros do saudável grupo dos crentes verdadeiros e sinceros.

A boa notícia é que o crente nada sofre no caminho de Allah, sem que Allah o compense, neste mundo ou no seguinte, múltiplas vezes equivalente ao valor de tudo o que foi abandonado por Sua satisfação. Assim, como Muhammad ﷺ aconselhou aqueles que se converteram na sua época, o convertido dos dias atuais também deve ser aconselhado a esperar e se preparar para as dificuldades pois, como Muhammad ﷺ relatou, “A quem Allah deseja o bem, Ele testa-o.”²⁶ Após esses testes e provas o

²⁶ Bukhari (5321), Malik (1684), Ahmad (7234)

muçulmano pode ter certeza de receber a recompensa por permanecer paciente e firme na verdade, pois Muhammad ﷺ também ensinou,

“Não há nada que aflija o crente, mesmo a picada de um espinho, exceto o que Allah escreve para ele, por isso, (será registrada como) uma boa obra e removida dele uma má ação.”²⁷

e

“Não há nada que aflija o crente com pesar, tristeza ou fadiga, mesmo a partir de uma preocupação com que ele se ocupe, que Allah não expie, por causa disso, alguns de seus pecados.”²⁸

E, como se isso não fosse suficiente, a religião ensina que boas ações são compensadas na escala de dez a setecentas vezes mais que o valor da boa ação, a critério de Allah Altíssimo, de acordo com o hadith,

“... Aquele que intenciona uma boa ação e não a realiza, Allah registra como uma boa ação realizada, mas se ele teve a intenção e realizou, Allah registra de dez ações a setecentas vezes, ou ainda mais vezes.”²⁹

Isso não significa, contudo, que o muçulmano deva procurar provas e tribulações, ou tornar a vida difícil para si mesmo. Não há monacato no Islam e os muçulmanos são incentivados a facilitarem suas vidas. Felizmente, as obrigações religiosas mínimas são facilmente satisfeitas. Se o muçulmano se sente incapaz de cumprir um ou mais dentre os pilares do Islam, isso geralmente reflete falha em reconhecer a dispensa que poderia ser aplicada, ao invés de uma inflexibilidade na religião. O Islam simplesmente não é tão rígido e inflexível. Por exemplo, quando for necessário, pode-se rezar sentado ou mesmo deitado. A pessoa que é incapaz de jejuar no Ramadan pode compensar os dias perdidos mais tarde, ou pode compensar alimentando os pobres. O homem ou a mulher fisicamente incapaz de realizar o *hajj* pode contratar alguém para ir em seu lugar. Assim, os muçulmanos que se consideram incapazes de satisfazer um ou mais pilares do Islam normalmente

²⁷ Bukhari (5317), Muslim (2572)

²⁸ Tirmidhi (966)

²⁹ Bukhari (6126), Muslim (206)

* Por uma questão de aperfeiçoamento, bem como ilustração da Misericórdia e Justiça de Allah Altíssimo, o hadith continua: “Mas se ele intenciona uma má ação e não a realiza, Allah registra como uma boa ação realizada, porém se ele intenciona e realiza, Allah registra como uma má ação.”

não conseguem entender as flexibilidades da prática islâmica, que pode acomodar todas as circunstâncias da condição humana.

Este é um ponto importante, pois muitos novos muçulmanos tentam implementar o Islam em suas vidas de forma demasiado rígida, às vezes, com tal zelo e rigidez, que provocam o resultado previsível de oprimir a si mesmo e alienar os outros. Três palavras – não faça isso. O Mensageiro de Allah, Muhammad ﷺ, ensinou: “Em verdade, esta religião é uma das facilidades, e ninguém dificultará a si mesmo com o *din* (religião), a não ser que se sobrecarregue. Portanto, tomem as medidas adequadas, ajam, sejam otimistas, e procurem ajuda através da oração na manhã e tarde, bem como um pouco durante a noite.”³⁰ Além disso, Muhammad ﷺ transmitiu (repetindo o ensinamento três vezes para dar ênfase): “Em verdade, os extremistas serão destruídos.”³¹

O novo muçulmano, então, precisa implementar o Islam em sua totalidade, mas com cuidado, e aplicar aos poucos as práticas secundárias da religião. Se eu pudesse recomendar algumas coisas a fazer e não fazer, seriam as seguintes:

1) Evite os extremos. Concentre-se em aprender os fundamentos da religião, e foque na aprendizagem das formas alternativas aceitáveis de fazer as coisas quando necessário. Saiba mais sobre dispensas e condições de acesso a estas³², como indicado acima, a flexibilidade do Islam é uma bênção. E não seja rígido e inflexível, seja com você ou com outros, pois se for, mais cedo ou mais tarde, algo se romperá. No que diz respeito a nós mesmos, Muhammad ﷺ advertiu os muçulmanos, “Tomem um caminho moderado, pois, quem tenta se sobrecarregar na religião, será derrotado.”³³ Outra narração relata, “Esta religião é fácil, e quem tentar se sobrecarregar na religião será derrotado. Sê moderado e tenta aperfeiçoar a tua ação tanto quanto fores capaz...”³⁴ Em relação ao nosso tratamento para com os outros, até mesmo Muhammad ﷺ foi aconselhado por Allah sobre isto, “E, por uma misericórdia de Allah, tu, Muhammad, te tornaste dócil para eles. E, se houvesse sido ríspido e duro de coração, eles se haveriam debandado de teu redor. Então, indulta-os

³⁰ Bukhari (31)

³¹ Muslim (2670)

³² Ver *Reliance of the Traveler*, por Nuh Ha Mim Keller, Amana Publications, seção c6.2-6.5 e w.14

³³ Ahmad (4/422)

³⁴ Bukhari (39), An-Nisa'i (8/121)

e implora perdão para eles e consulta-os sobre a decisão.” (TSA 3:159).

2) Procure o caminho do meio em todas as coisas. O Islam é a religião do caminho mediano. Se procurar, até mesmo ordens duras e aparentemente intransigentes podem ser entendidas como sendo o caminho do meio entre extremos ainda piores.

3) Adote a modéstia e humildade, e aprenda o *adab* (modos) do Islam o mais cedo possível – não só para o seu próprio bem, mas também para o bem dos familiares, amigos e colegas de trabalho. Os irmãos e irmãs no Islam podem desculpar os erros iniciais na religião e nos modos, mas amigos e familiares provavelmente não. Eles provavelmente o observarão desde o primeiro dia, e a melhor impressão será transmitida através dos melhores modos. Salientando a importância deste ponto, Muhammad ﷺ transmitiu, “Não fui enviado, a não ser para aperfeiçoar os modos.”³⁵

4) Pelo menos no começo, não discuta. Os novos convertidos geralmente não têm as ferramentas intelectuais para o debate religioso, e serviria melhor à causa da *dawa* islâmica não falar sobre isso, mas sim, passar aos outros alguns dos mesmos livros, literatura ou áudios que inicialmente balançaram seu próprio coração e mente. Além disso, seja paciente, dê um bom exemplo, e apresente o Islam da melhor maneira.

5) Esteja perto da mesquita e da comunidade islâmica. A força e os conselhos dos irmãos e irmãs na fé podem provar-se inestimáveis e apoiadores. Por outro lado, os incrédulos dentre amigos e família, com frequência, tentam tirar a pessoa do Islam, e podem enfraquecer a determinação de tal pessoa. Não comprometa a sua religião por ninguém, pois fazer isso constituiria *kufir* (descrença).

6) Se enfraquecido no *imaan* (fé), como ocorre a muitos convertidos, por vezes, volte sempre à *shahada* e pergunte a si mesmo se crê que não há nada digno de ser adorado senão Allah e que Muhammad ﷺ foi Seu último mensageiro. Se assim for, confie em sua fé, porque Allah é suficiente aos crentes, e n’Ele todos os crentes depositam sua confiança.

³⁵ Ahmad (8939), Bukhari em *Al-Adab Al-Mufrad* (273), Malik (1609).

7) Acostume-se gradativamente às práticas subsidiárias do Islam, como as orações e o jejum *sunna*. Estes atos de adoração adicionais protegem o crente da incredulidade, pois todas as pessoas passam por flutuações no *imaan*, e quando ocorre uma baixa, aqueles que vêm praticando as orações e jejuns voluntários podem perder um ou mais destes, mas *inshallah* não perderão os atos de adoração obrigatórios. Por outro lado, aqueles que realizam apenas o mínimo, não têm nada a abandonar, exceto o obrigatório, e se eles o fizerem em um momento de fraqueza, comprometem os atos obrigatórios de adoração. Como disse um professor: “Se abandonas a *sunna* (atos de adoração voluntários), eventualmente, abandonarás o *fard* (atos obrigatórios).”

8) Mantenha-se próximo aos muçulmanos sunitas, também conhecidos como os *Ahlu-Sunnah wal Jamah* (ou seja, o grupo de pessoas que segue a Sunnah). Como citado acima, Muhammad ﷺ transmitiu o ensinamento de que, “Haverá sempre um grupo da minha *ummah* (isto é, nação) abertamente na Verdade até o Dia do Juízo.”³⁶ E quem é a *ummah* na Verdade? Quando fizeram esta pergunta, uma longa lista de alguns dos maiores estudiosos do Islam (incluindo Imam Ahmad, Imam Bukhari, Ali Ibn Al-Madini [o maior estudioso dos defeitos de hadith], Yahya Ibn Ma'in [o maior estudioso de classificação dos narradores de hadith], Ibn Al-Mubarak, Sufyan At-Thauri, e muitos outros) responderam que a *ummah* na Verdade refere-se aos seguidores de hadith. Em outras palavras, aqueles entre *Ahlu-Sunnah wal Jamah*. Um hadith de apoio é aquele em que foi registrado que Muhammad ﷺ ensinou, “Em verdade, aqueles dentre vós que viverem [longamente] verão grande controvérsia, então deveis manter a minha *sunna** e a *sunna* dos califas bem-guiados [Rashidin**] – agarrai-vos a ela teimosamente. Cuidado com os assuntos recém-inventados, pois cada assunto inventado é uma inovação e toda inovação é um desvio.”³⁷

9) Aprenda a ler o Alcorão em árabe. Mesmo faltando o entendimento do árabe, simplesmente recitar o Alcorão pode ser uma fonte de conforto, paz e satisfação.

³⁶ Bukhari (3441), Muslim (156), Abu Dawud (4252), Tirmidhi (2229)

* Significando as palavras, ações, autorizações implícitas, e a aparência do Profeta como transmitida através de ahadith.

** Este é o título dos quatro primeiros califas islâmicos (ou seja, Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali).

³⁷ Tirmidhi (2676)

10) Aprenda árabe. Como o Alcorão e Hadith são a porta de entrada para o Islam, o árabe é a porta de entrada para a apreciação e compreensão do Alcorão e Hadith.

11) Explore o mundo muçulmano, quando possível. Caso a oportunidade esteja disponível, explore seriamente a possibilidade de fazer *hijra* (emigração) para uma das terras dos muçulmanos. No entanto, tal emigração não deve ser tomada inconsequentemente, pois muitos convertidos ocidentais decepcionaram-se severamente com as deficiências da vida e religião em países muçulmanos. Considere este passo cuidadosamente, e comece com visitas *in loco*, se possível. E lembre-se que, assim como a maioria dos muçulmanos étnicos estão longe de ser santos, as terras muçulmanas estão igualmente longe de ser islâmicas. Ainda assim, estas são as terras de nossos irmãos e irmãs na fé, e a compensação de viver entre eles e contribuir para a suas sociedades, em geral, justifica quaisquer dificuldades. E em qualquer caso, a vida de um muçulmano, com ou sem *hijra*, nunca estará livre de provações.

12) Procure uma maneira em que se possa melhor servir a Allah. Viver a vida como um muçulmano sem um objetivo ou propósito além de cumprir as cinco orações e jejum do Ramadan pode ser um plano de existência superficial e decepcionante. Muitos muçulmanos aspiram uma realização maior, e quando encontram o seu nicho dentro da religião começam a experimentar a verdadeira riqueza da fé. Uma pessoa poderia estudar, outra poderia convidar ao Islam, outra poderia juntar-se a programas sociais ou dedicar tempo à comunidade. O que quer que uma pessoa escolha fazer, saiba que qualquer esforço por Allah traz ambas as recompensas, imediatas e futuras, e pode ser o verdadeiro cimento que completa e veda a sua fé.

4) O *Ihsaan* (Consciência de Allah)

Do Hadith de Gabriel, como citado no capítulo 2 acima, nós viemos a aprender os significados de *Islam*, *Imaan*, e *Ihsaan*. Aqueles que leram *Desviados?* e *Guiados?* podem ter notado que a estrutura óssea desses livros foi baseada nos seis fundamentos da fé islâmica, como definidos por esse hadith (ou seja, crença em Allah, nos anjos, nos livros revelados, nos Seus mensageiros, no Dia do Juízo, e no Decreto Divino). Essa estrutura foi intencional, dado que a conclusão do hadith de Gabriel foi que o anjo da revelação, Gabriel, tinha sido enviado para ensinar os elementos críticos da religião islâmica. Que melhor modelo a seguir, então, no ensino da religião?

O Islam foi discutido em *Desviados?* e *Guiados?*, e os elementos do *Imaan*, sendo os pilares da fé, foram brevemente comentados no capítulo 2 deste presente livro. Isto deixa a discussão do *Ihsaan* para completar os ensinamentos do hadith de Gabriel.

Ihsaan, como menciona o hadith, é, “...que adores Allah como se O visses, e ainda que não O vejas, [sabes que] Ele te vê”. *Ihsaan* é ter consciência de Deus em todas as coisas e a todo o tempo. A perfeição do *Ihsaan* leva à perfeição da religião e da adoração, porque a pessoa de *Ihsaan* está bem consciente de que todo o pensamento, palavra e ação dele ou dela é conhecido por Allah e registrado. Assim, a pessoa de *Ihsaan* nunca vai comprometer as obrigações da religião, dado que mesmo quando sozinha, no que se refere a outros humanos, a pessoa de *Ihsaan* está consciente tanto dos anjos registradores quanto da onisciência de Allah.

Então, como as pessoas desenvolvem e aperfeiçoam o seu *Ihsaan*? A consciência de Deus cresce com a certeza da fé, que, por sua vez, deriva do ensino religioso em combinação com uma experiência temporal e espiritual. E é aqui que as coisas se complicam.

O valor da educação religiosa é óbvio; a experiência mundana da vivência na religião é esperada. Mas e a experiência espiritual? É aqui que muitos muçulmanos perdem o freio. O que nos leva a uma discussão sobre o Sufismo.

5) O Sufismo

O Sufismo pode ser um assunto confuso para um novo convertido. Iniciantes no Islam comumente investigam uma grande variedade de grupos, sendo os sufis imediatamente um dos mais simpáticos e atraentes, em parte devido à sua grande hospitalidade e calorosa e acolhedora personalidade, mas principalmente devido à cômoda flexibilidade com a qual executam (e alguns grupos têm ido tão longe que têm, realmente, modificado) sua religião. Além disso, muitas pessoas parecem ter quase uma predileção inata pelos caminhos que concentram os seus ensinamentos e aspirações sobre a espiritualidade.

Fato é que qualquer um que segue a verdade de Allah é obrigado a experimentar a espiritualidade em algum nível, pois aqueles que se esforçam em satisfazer Allah legitimamente esperam que Allah forneça compreensão e discernimento para Seus sinceros servos. Dois ahadith ensinam,

Allah, o Altíssimo, disse: “Quem demonstrar inimizade com um amigo Meu, declararei guerra contra ele. Meu servo (ou seja, o muçulmano crente) não se aproxima de Mim com nada mais amado por Mim do que os deveres religiosos que tenho imposto sobre ele, e meu servo continua se aproximando de Mim com atos superrogatórios, portanto Eu o amarei. Então, quando Eu o amo, sou sua audição com a qual ele ouve, sua visão com a qual ele vê, e sua mão com a qual ele segura, e seu pé com o qual ele caminha. Se pedir [algo] de Mim, certamente darei a ele, e se Me pedir o refúgio, eu certamente lhe concederei isso.”³⁸

E,

Allah, o Poderoso e Exaltado, disse: “Estou com o meu servo quando ele se recorda de Mim. Se ele se lembra de Mim, então Eu também me lembro dele. Se ele se lembra de Mim em grupo, então, Eu me lembro dele em um grupo ainda melhor. Se ele se aproxima de Mim em um palmo, então Eu Me aproximo dele em uma braça. Se ele se aproxima de Mim em uma braça, Eu Me aproximo dele na distância dos braços estendidos. Se ele caminha em minha direção, Eu corro na direção dele.”³⁹

A partir desses ensinamentos, os muçulmanos entendem que quanto mais se esforçam em satisfazer Allah, maior a recompensa e proximidade a Allah. Assim, quando uma pessoa se compromete com os ensinamentos de Allah,

³⁸ Bukhari (6137)

³⁹ Bukhari (6970), Muslim (2675), Ahmad (7416), Ibn Majah (3792, 3822)

suas ações podem ser recompensadas em mais de uma esfera.⁴⁰ Ambos períodos, de facilidade ou tribulação, devem ser encontrados nesta vida mundana, mas ambas as condições parecem ser acompanhadas de uma elevada consciência espiritual nesses muçulmanos, confirmada na certeza de, e compromisso com, a sua fé.

A diferença entre os muçulmanos que não são sufis e os sufis, neste respeito, parece ser quanto à orientação. Não-sufis tendem a concentrar os seus esforços em aprender a crença (*aqidah*), as leis (*fiqh*), o comportamento (*adab*), e os limites práticos da religião islâmica, de modo a garantir a exatidão da crença e prática. Estes muçulmanos vivem sua religião ao máximo, buscando o prazer e a recompensa de Allah Altíssimo, temendo Sua punição, e simplesmente por amor a Ele. Uma maior consciência espiritual pode ocorrer como consequência, mas não é o objetivo em si. Em vez disso, o foco é diretamente centrado na retidão da *aqidah* (crença), *ibada* (adoração) e prática, pois estes incorrem na satisfação de Allah e trazem a salvação. Na falta de retidão da *aqidah*, *ibada* e prática, nenhum aprofundamento de misticismo trará salvação. Então, muçulmanos não-sufis simplesmente se comprometem com a religião, estudam-na e praticam-na de acordo com as mais respeitadas das fontes (quer dizer: Alcorão, Sunnah, e sua interpretação pelos sábios respeitados). Por esta via, a alma é purificada, com a elevação da espiritualidade sendo uma consequência previsível, embora não fosse o objetivo principal.

Sufis, por outro lado, parecem frequentemente distraídos do estudo e prática dos princípios do Islam devido aos seus esforços para alcançar maiores experiências místicas e elevações espirituais. Aqueles que se concentram principalmente no misticismo são propensos a sacrificar a retidão crítica da *aqidah* e a prática correta dos pilares do Islam, comumente resultando no comprometimento, e muitas vezes até mesmo na anulação, de seu pertencimento ao Islam. Finalmente, muitos sufis (se não a maioria ou mesmo todos) tendem à inovação na religião. Lembrando o princípio geral de que cada ato de adoração é proibido, exceto o que foi prescrito, pode-se entender por que Ibn Massud (um dos maiores *sahaba*) advertiu:

“Sigam, não inovem, pois, em verdade, foi-vos dado algo [isto é, a religião do Islam] que é suficiente.”⁴¹

e

⁴⁰ Isto não quer dizer, como muitos judeus e cristãos dizem, que a recompensa de uma pessoa piedosa será, necessariamente, encontrada na vida presente. Allah pode optar por testar o piedoso com dificuldades nesta vida temporária, reservando a recompensa para o pós morte. Assim, os profetas e muitos dos favoritos de Allah viveram vidas difíceis nesta existência temporária, mas receberam as maiores recompensas do Paraíso na próxima vida.

⁴¹ Darami (205)

“A moderação em seguir a Sunna é melhor do que o esforço na prática da *bida* (isto é, a inovação).”⁴²

Ibn Umar (outro famoso *sahabi*) é registrado como tendo reforçado este ensinamento com, “Toda inovação é um extravio, *mesmo que as pessoas a vejam como algo bom*.”⁴³

Uma longa história, mas muito ilustrativa, pode ajudar a resumir o anterior. Nesta tradição, é relatado que Abu Musa Al-Ashari disse a Ibn Massud,

“Por certo, eu vi na mesquita um grupo de pessoas sentadas em círculos à espera da oração. Em cada círculo, havia um líder e em cada grupo havia seixos e este líder lhes dizia: “Digam ‘*Allahu Akbar*’ (isto é, Allah é o Maior) 100 vezes”, então, eles diziam “*Allahu Akbar*” 100 vezes (usando os seixos para contar); e ele lhes dizia: “Digam ‘*La ilaha il Allah*’ (isto é, não há nenhum deus digno de adoração, exceto Allah) 100 vezes”, e assim eles diziam “*La ilaha il Allah*” 100 vezes (usando os seixos para contar); e dizia-lhes: “Digam ‘*Subhanallah*’ (isto é, Glória a Allah) 100 vezes”, e assim eles diziam “*Subhanallah*” 100 vezes (usando as pedras para contar). Então, Ibn Massud respondeu a Abu Musa, “Você não lhes ordenou a contar seus pecados e a garantir que nenhuma de suas boas ações fosse perdida?” Então, ele (Ibn Massud) veio e pôs-se ao lado de um desses círculos e disse: “O que é isso que eu vos vejo fazer?” Eles responderam: “Ah, pai de Abdur-Rahman, seixos – nós contamos com eles o nosso *takbir* (*Allahu Akbar*), o nosso *tahlil* (*La ilaha il Allah*), o nosso *tasbih* (*Subhanallah*) e o nosso *tahmid* (*Al hamdulillah* [isto é, todos os louvores a Allah]).”

Ele respondeu: “Contem os vossos pecados. Eu garanto-vos que nenhuma das suas boas ações estarão perdidas. Ai de vós, ó nação de Muhammad ﷺ, quão rápida é a vossa destruição! Os companheiros do profeta são abundantes, e as roupas dele ainda não secaram e seus utensílios não foram quebrados.* Por Ele em Cujas Mãos está minha alma (isto é, Allah), em verdade vós estais em uma orientação melhor do que a orientação de Muhammad ** ou vós estais abrindo a porta da desorientação (ou seja, *Bida* - inovação na religião).”

Eles responderam: “Por Allah, ó pai de Abdur-Rahman, nós queríamos apenas o que é bom.”

⁴² Bayhaqi (4522), Darami (223)

⁴³ Allalaka'i, *I'tiqad Ahlus-Sunnah Wal Jamah* (126)

Ibn Massud respondeu: “E quantos têm boa intenção, mas não acertam o alvo (isto é, não o alcançam).”

Em seguida, ele disse que, “O Profeta ﷺ nos disse que ‘Um grupo (de minha ummah) vai ler o Alcorão e este não passará de suas gargantas (o que significa que não entrará em seus corações)’. E, por Allah, eu não sei, mas pode ser que muitos de vós sejam desse grupo.”

E então ele os deixou.

Um dos transmissores do presente hadith disse:

“Encontrámos muitas daquelas pessoas que estavam nesses círculos lutando contra nós no dia de *An-Nahrawan* junto com os Khawaraj (a batalha em que Ali ibn Talib, o quarto califa, liderou os muçulmanos contra os Khawaraj, o primeiro grupo de muçulmanos desviados, de cujas fileiras alguns daqueles descritos anteriormente haviam ingressado).⁴⁴

A partir desta narração, ficamos sabendo que os sintomas do desvio, às vezes, podem ser muito pequenos, mas as consequências, trágicas. E para quê? Para tentar fazer algo que se crê bom, mas, no entanto, ‘erra-se o alvo’? A importância de aderir à sunnah é enfatizada, pois, como foi registrado o ensinamento de Muhammad ﷺ: “Não há nada que nos aproxime do Paraíso e nos distancie do Fogo que não vos tenha sido revelado.”⁴⁵ E, apesar disto, os sufis tendem a buscar caminhos e meios para aumentar sua adoração, arriscando transgredir os limites estabelecidos por Allah, o Altíssimo, e mais frequentemente do que nunca, cair na inovação.

Talvez uma nota histórica de rodapé deva ser revista neste momento. A origem deste termo ‘sufi’ não é terrivelmente importante, pois a palavra ‘sufi’ é desprovida de menção, quer no Alcorão ou na Sunnah, e portanto, tal rótulo abre a porta para o sectarismo, que Allah condena (ver TSA 6:159 e 42:13). Ao mesmo tempo, o termo ‘sufi’ parece ter-se enraizado na prática dos primeiros ascetas que vestiam lã, que é conhecida como ‘suf’ em árabe. Estes primeiros ascetas haviam renunciado os prazeres deste mundo, na medida em que foram forçados a usar lã por causa da pobreza – um material pouco popular, irritante e desesperadamente quente para o calor severo do Médio Oriente (ao contrário de seus contrapartes cristãos, que usavam camisas de crina de cavalo por convicção que o sofrimento mundano equipara-se à penitência, os sufis do Islam eram simplesmente pobres demais para pagarem algo mais adequado ao ambiente, além da lã). Alguns podem ficar impressionados com tais indicadores de rigor e devoção, mas outros

* Quer dizer que Muhammad ﷺ havia morrido recentemente.

** Desta forma, ele zomba deles com sarcasmo.

⁴⁴ Darami (204)

⁴⁵ Tabarani, Al-Kabir (1647)

observam que o Islam não é uma religião de ascetismo, pois a pobreza autoinfligida e o sofrimento não são impostos nem tolerados se puderem ser evitados. Por uma questão de fato, os muçulmanos são encorajados a serem produtivos e ganharem a vida. Muhammad ﷺ ensinou: “Em verdade, o melhor com que te tens alimentado são os teus ganhos”.⁴⁶ Quando perguntado qual o tipo de rendimento é o mais virtuoso, o mensageiro de Allah ﷺ respondeu: “O trabalho de um homem a partir de suas próprias mãos, e cada venda honesta”.⁴⁷ Além disso, foi registrado que Abu ad-Dardaa comentou, “A melhoria do modo de vida de alguém vem da melhoria do seu *din*, e a melhoria do seu *din* vem da melhoria do seu intelecto”.⁴⁸

Seja como for, os sufis vieram a ser associados ao ascetismo e espiritualismo, e, com o tempo, os sufis proeminentes passaram a ser considerados como santos pelos leigos que formaram seus grupos de seguidores. Cada um desses grupos, eventualmente, se tornou conhecido como uma *tariqa* sufi, ou caminho, no qual seriam formalizados ensinamentos espirituais específicos. As *Tariqas* variam muito e não é possível pintar todas as *tariqas* com o mesmo pincel – a *aquidah*, *ibada* e práticas sufis variam muito de um grupo para outro, cobrindo uma faixa que vai do correto à *bida* (inovação), e ainda até o *kufir* (descrença). Por um lado, uma pequena minoria de sufis é completamente ortodoxa. No entanto, a situação mais comum é aquela em que os sufis comprometem as leis do Islam em prol das suas crenças e práticas aberrantes.

A falha do Sufismo reside na transição do Sufismo do passado para o Sufismo do presente. Os sufis originalmente podem ter sido muçulmanos piedosos que estavam sujeitos à pobreza e privação devido ao enfoque de seus esforços na adoração, abandonando todas as outras atividades, incluindo a de melhorar sua posição mundana ou, a esse respeito, até mesmo a de ganhar o sustento da vida. Durante um breve período de tempo, no entanto, *tariqas* desviadas se formaram, sejam orientadas em torno dos ensinamentos peculiares de um igualmente peculiar, embora carismático, líder, ou posteriormente divergentes aos ensinamentos tradicionais no âmbito das pressões do desvio.

Assim, aqueles que aderem às *tariqas* comprometem-se em um caminho perigoso, no qual poucas são as *tariqas* islamicamente seguras, na época atual, e das quais poucos adeptos retornam à retidão. No entanto, o canto da sereia do misticismo e espiritualidade prova-se irresistível para muitos que, não enraizados no *fiqh* protetor do Islam, podem ser facilmente desviados e

⁴⁶ Tirmidhi (1358), Ibn Majah (2290).

⁴⁷ Bayhaqi (10177).

⁴⁸ Jami 'Bayan al Ilm.

enganados - um fenômeno que é uma tendência comum às três religiões: Judaísmo, Cristianismo e Islam.

Em todas as três religiões, aqueles que buscam caminhos espirituais em primazia à adesão ao rigor da lei tendem a se desviar, pois são mais atraídos aos ensinamentos espirituais de ‘santos’ e líderes carismáticos do que ao caminho reto do desígnio de Allah, como transmitido através de Sua revelação e através dos exemplos dos profetas. Dentro da religião islâmica, tais adeptos tipicamente se enquadram em um de dois campos; o primeiro é o dos seguidores desviados, cuja ignorância é traída pela falta de conhecimento dos ensinamentos islâmicos básicos (e protetores); o segundo campo de adeptos, paradoxalmente, é surpreendentemente bem educado em princípios e ciências islâmicas, e pode até ser considerado erudito em certos campos de estudo. Frequentemente, esses indivíduos praticam o Islam com um rigor impressionante, tomando o caminho mais difícil e cauteloso em todas as coisas da religião, com exceção do Sufismo, é claro. Curiosamente, além dos misticismos do Sufismo, a disciplina em que estes sufis acadêmicos tendem a relaxar mais os seus exigentes padrões é no campo mais crítico da *aqidah*. Eles podem ser estudiosos em *fiqh*, e ainda aderir a ameaças de salvação de desvios na crença.

Toda uma série de desvios tem resultado, os mais perigosos envolvem *shirk* ou *kufr*. Algumas *tariqas* têm elevado o estatuto de Muhammad ﷺ além de sua humanidade terrena, outras têm deificado seus shaikhs. Menos grave, mas ainda de grande preocupação, é o relaxamento das normas islâmicas no interesse de uma maior permissividade, muitas vezes sob o disfarce de modernização.

E nada disso deve ser surpresa. A história da religião expõe a tendência do homem de desviar das leis de Allah para caminhos de maior permissividade, especialmente quando esses caminhos são embelezados por alegações de exclusividade espiritual. Assim como as leis rigorosas e exigentes do judaísmo ortodoxo deram lugar ao misticismo brando da Reforma do Judaísmo, o Cristianismo sofreu uma transformação das leis de origem unitária do Antigo Testamento para o misticismo indulgente dos gnósticos, dos quais os cristãos trinitários formam um subconjunto (como discutido em *Desviados?* e *Guiados?*). Seitas desviadas (a maioria delas, sufis), que alegam ser parte do Islam, continuaram esta perturbadora tradição do aumento da permissividade, em conflito com as claras e presentes leis do Islam.

Gostaria de encerrar esta seção com as seguintes observações:

- 1) A maioria dos que procuram um caminho espiritual, fazem-no com a aspiração de ser um *wali*, ou “amigo de Allah”, que os sufis concebem como um estatuto de santidade, com habilidades

místicas incluídas. Tais sufis estão preocupados com o desejo de alcançar um estatuto espiritual elevado e, na sua concepção, a maneira correta de se atingir esse estatuto é através do caminho sufi. Não é verdade. O caminho para se tornar um *wali* – que, tal como definido por Allah, o Altíssimo, não significa nada mais do que um crente e temente a Allah (TSA 10:62-63) – é simplesmente praticar a religião do Islam como foi revelada, nem mais, nem menos.

- 2) Enquanto que militantes e extremistas do *fiqh* tendem a ser intoleravelmente duros e intransigentes, os sufis tipicamente erram para o extremo oposto sendo inaceitavelmente “suaves”, desculpando os pecados mais hediondos, flagrantes blasfêmias e, não raro, até mesmo *kufr*. Não sufis consideram sufis peculiares, não só na forma como agem, mas na forma como pensam. Os sufis, por outro lado, consideram os não sufis em um “plano espiritual” mais baixo, e portanto, incapazes de os compreender. Desta forma, os sufis professam o mesmo elitismo espiritual encontrado nos paralelos judaicos e cristãos.
- 3) Outra marca registrada proeminente dos sufis é que em algum lugar, de alguma forma, eles tendem a comprometer a fé ou a prática do Islam no processo de cumprimento das práticas da sua *tariqa* escolhida. Por exemplo, pode-se testemunhar certos sufis atendendo a frequentes reuniões sufis, mas nunca se preocupando em atender ao encontro mais importante dos muçulmanos, ou seja, a oração em congregação na mesquita. Alguns sufis gastam seu tempo de férias e seus recursos financeiros visitando os ‘santos’ de sua *tariqa*, mas nunca vão ao *hajj*. Existem outros exemplos, que deixam deficiências nas crenças e práticas do Islam sendo um sinal de perigo.
- 4) Assim como alguns sufis diminuem a importância de certos elementos da religião islâmica, outros (isto é, os sufis extremistas – felizmente uma minoria) vão tão longe que zombam da religião. Por exemplo, alguns sufis deixam de rezar com base numa interpretação errada do versículo do Alcorão “e adora a teu Senhor, até chegar-te a certeza” (TSA 15:99). Estes sufis alegam que “a certeza” refere-se à certeza da fé, a qual eles têm alcançado, e assim não precisam mais rezar. Não é verdade. Muhammad ﷺ e todos os profetas de Allah anteriores rezaram até morrerem. Estes sufis estão dizendo que têm maior certeza da fé do que os profetas de Allah? A interpretação correta da *ayah* (versículo) acima é o comando para rezar as cinco orações diárias até à morte. A certeza a que se refere esta *ayah* do Alcorão não é a certeza da fé, que alguns alcançam e outros não, mas a morte, que é a única certeza de todos os seres vivos, e as provas desse

entendimento são encontradas nos *tafasir* (interpretações do Alcorão) de Ibn Jarir at-Tabari e Ibn Kathir (os dois mais famosos de todos os *tafasir*), que baseiam suas conclusões na interpretação do Alcorão por alguns dos mais famosos estudantes dos *sahaba* (isto é, Salim ibn Abdullah, Mujahid, Qatada, Al Hassan al Basri, e Ibn Zaid). E nenhum dos famosos intérpretes do *tafsir* dentre os predecessores piedosos interpretaram este versículo como os sufis extremistas interpretam.

- 5) Como no exemplo acima, muitos sufis se desviam da mesma maneira que os judeus e cristãos, pois Muhammad ﷺ transmitiu a revelação de Allah que os judeus e cristãos tomam seus rabinos e sacerdotes “por senhores, além de Allah” (TSA 9:31). Além disso, um hadith relata que Adi ibn Hatim se apresentou ao Profeta ﷺ com uma cruz de prata no pescoço. O Profeta ﷺ recitou o seguinte versículo: “Eles adoravam seus rabinos e monges além de Allah”. Então, Udai respondeu: “Eles não os adoram”. E o Profeta ﷺ respondeu: “Sim, eles fazem-no. Eles tornaram lícito o que lhes era ilícito e ilícito aquilo que lhes era lícito. Então, eles os seguiram nisto. E é assim que eles os adoraram.”⁴⁹ De maneira semelhante, muitos sufis adotam o liberal e errôneo ensinamento de seus shaikhs sufis em preferência ao claro ensinamento do Profeta de Allah, Muhammad ﷺ, seguindo seus shaikhs sufis em assuntos ilícitos que estes declararam lícitos, tais como o abandono da oração. E este assunto leva diretamente ao próximo, que é o seguinte:
- 6) A maioria dos sufis justificam suas ações e crenças com *ahadith* fabricados ou fracos, ou com interpretações não autênticas do Alcorão – uma questão antecipada pelo ensinamento: “Ele é Quem fez descer sobre ti, Muhammad, o Livro, em que há versículos precisos: são eles o fundamento do Livro; e, outros, ambíguos. Então, quanto àqueles, em cujos corações há deslize, eles seguem o que há de ambíguo nele, em busca da sedição e em busca de sua interpretação, conforme seus intentos...” (TSA 3:7).
- 7) E por falar em buscar interpretações ‘adequadas a eles’, os sufis tendem a ser propensos ao exagero, muitas vezes, ampliando a significância de eventos ou pessoas. Através desta tendência preocupante, os sufis chegam ao ponto de elevar o estatuto de Muhammad ﷺ, membros de sua família, ou mesmo ‘shaikhs’ que afirmaram ter seguido no seu exemplo (dentro de sua *tariqa* particular, é claro). Às vezes, isso leva ao *shirk*, às vezes ao *kufr*, e, não raro, a ambos. Por exemplo, um sufi, certa vez, tentou me

⁴⁹ Tirmidhi (3095), Bayhaqi (20137)

convencer que os aderentes de sua *tariqa* praticavam a *ibada* até que se tornavam, como ele dizia, “um com Allah” – uma declaração clara de tanto *shirk* quanto *kufir*, mesmo que seja citada como uma metáfora. Na religião islâmica, se um homem pronuncia o divórcio à sua esposa, mesmo brincando, eles estão divorciados! Na lei islâmica, o divórcio é um assunto tão sério que não se pode afirmar, mesmo em tom de brincadeira, sem se tornar realidade! Quão mais grave se uma pessoa faz declarações como as acima referidas, negando a unicidade de Allah, que é a mais sagrada de todas as verdades – tão sagrada que a salvação está na balança dependente deste princípio da fé?

- 8) Muitos sufis reivindicam uma corrente mística de ensinamentos voltando para um dos *sahaba*, sobre o qual se fundam os ensinamentos de sua *tariqa*. Para exemplificar, um dos ‘shaikhs’ sufis na Inglaterra é conhecido por seus seguidores como o ‘quadragésimo elo na cadeia de ouro’, eles alegam que ele é o quadragésimo shaikh sufi em uma cadeia que vai até o profeta Muhammad ﷺ. No entanto, tal fraseologia florida não altera a realidade, pois estas “cadeias”, na maior parte, não podem ser rastreadas mais de 300 anos atrás, e estão preenchidas com nomes desconhecidos e/ou personagens questionáveis, sem reputação e com atos poucos respeitáveis.
- 9) Embora existam muitas *tariqas* sufis desviadas nos dias de hoje, poucas (se houver) estão na retidão. Aqueles que seguem este caminho colocam a sua salvação em risco, e para quê? O caminho mais seguro é óbvio, o caminho sufi é escorregadio e traiçoeiro, seu benefício elusivo, os ensinamentos duvidosos, no melhor caso, e no pior, levam à incredulidade. E, como Muhammad ﷺ aconselhou: “O *halal* (lícito) é claro, e o *haram* (ilícito) é claro, mas entre o dois estão assuntos que são duvidosos para muitas pessoas. Portanto, quem evita essas questões duvidosas mantém-se limpo com relação à sua religião e sua honra, mas aquele que cai em questões duvidosas cai no *haram*. [Ele é como] um pastor pastoreando suas ovelhas na fronteira de um santuário, prestes a atravessá-la. Certamente, cada rei tem um santuário, e certamente o santuário de Allah são Suas proibições”.⁵⁰ Pobres daqueles que violam as proibições de Allah, sozinhos ou seguindo uma *tariqa*.

⁵⁰ Bukhari (52), Muslim (1599), Abu Dawud (3329)

6) A Sunnah do *Shaitan*

O caminho dos piedosos leva à disputa entre o bem e o mal. Enquanto o bem, ou seja, as crenças e práticas da religião, é ensinado ao novo convertido, uma e outra vez, um dos assuntos mais importantes para o novo convertido também é um dos menos discutidos – e este é o caminho do mal. E, a propósito, quanto ao mal, este significa o caminho (ou *sunnah*) do *Shaitan* (Satanás, também conhecido pelo seu nome próprio: Iblis), cuja finalidade específica (junto com seus ajudantes *shayatin* [gênios do mal, ou demônios]) é desencaminhar a humanidade. Conhecer as crenças e práticas da religião é aprender o caminho da piedade. Conhecer a *sunnah*, ou caminho, de Iblis é ‘conhecer o inimigo’, a fim de proteger-se de emboscadas ou desvios.

Para começar, Iblis se aproxima de muitas maneiras. Para aqueles que já estão perdidos, ele fornece incentivos tornando o caminho da impiedade fácil e atraente. Ele pode optar por deixar os injustos por si mesmos, mas, também, pode realmente fornecer prazeres ou experiências místicas ou mesmo milagres aparentes, a fim de consolidar o desvio sobre uma falsa fé. Assim, na verdade, estátuas podem chorar através das maquinações dos *shayatin*, levando os idólatras a maior devoção nas profundezas do seu engano pagão. Visões de Jesus ou Maria podem realmente ser geradas por Iblis ou por um de seus *shayatin* confederados, a fim de reforçar as crenças equivocadas que reclinam sobre artigos de incredulidade, como a trindade ou a apoteose de Jesus. Ou, a um nível menor, o orgulho do incrédulo pode ser reforçado a fim de reforçar a confiança na falsidade, sufocando efetivamente a modéstia necessária para que a pessoa se volte ao Criador com franqueza e sinceridade.

E qual foi o primeiro pecado? Esta é uma pergunta que incomoda mais novos convertidos, e também muitos muçulmanos maduros. Então, qual foi o primeiro pecado? Foi comer a fruta proibida? Não, o primeiro pecado foi o pecado do orgulho, pelo qual Iblis foi expulso do paraíso. O primeiro pecado não foi o de Adão, mas de Iblis, e a história, em resumo, é a seguinte: Iblis costumava ser um dos gênios piedosos. Ele praticava os atos de adoração com tal piedade que ganhou um lugar na companhia dos anjos, e, de fato, Allah atribuiu-lhe a supervisão do céu mais baixo. No entanto, quando Adão foi criado e os ocupantes do céu tinham sido ordenados a prostrarem-se para Adão, Iblis tornou-se orgulhoso, concebendo-se ser melhor, ponderando que os gênios foram feitos a partir do fogo sem fumaça, enquanto a humanidade foi feita do barro. O Alcorão relata a história como,

“E quando dissemos aos anjos: ‘Prosternai-vos diante de Adão’; então, eles prosternaram-se, exceto Iblis. Ele recusou fazê-lo, e se ensoberbeceu e foi dos infiéis” (TSA 2:34)

Em uma breve análise, Allah nos informa que Iblis se recusou, o motivo era o orgulho, e o resultado foi a incredulidade. Quão rapidamente um crente pode cair da graça na descrença! E sem outra razão que não o orgulho, e o mal que este colhe. Para continuar a história,

7:12 Allah disse: “O que te impediu de te prosternes, quando to ordenei?” Sata disse: “Sou melhor que ele. Criaste-me de fogo e criaste-o de barro.”

7:13 Allah disse; “Então, desça dele! E não te é admissível te mostrares soberbo nele. Sai, pois, por certo, és dos humilhados!”

7:14 Satã disse: “Concede-me dilação até um dia, em que eles serão ressuscitados.”

7:15 Allah disse: “Por certo, és daqueles aos quais será concedida dilação.”

7:16 Satã disse: “Então, pelo mal a que me condenaste, ficarei, em verdade, à espreita deles, em Tua senda reta.

7:17 Em seguida, chegar-me-ei a eles, por diante e por detrás deles, e pela direita deles e pela esquerda deles, e não encontrarás a maioria deles agradecida.”

7:18 Allah disse: “Sai dele como execrado, banido. Dos que, dentre eles, te seguirem, encheri a Geena (o Inferno), de todos vós.”

Como punição por seu orgulho, que obstruiu sua obediência a Allah, o Altíssimo, Iblis foi expulso do Paraíso. Depois de conseguir a prorrogação de Allah até o Dia do Juízo, Iblis prometeu desencaminhar a humanidade da “senda reta”. Quanto àqueles que seguirem a desorientação de Iblis, Allah promete: “Dos que, dentre eles, te seguirem, encheri a Geena, de todos vós”.

Agora, voltando para a pessoa que lê estas palavras. Qual seria uma das características dominantes da humanidade, se não o orgulho? E qual a barreira que está entre a maioria das pessoas e a volta para Allah com humildade, em busca de Sua verdade? Resposta: O orgulho. E com que rapidez o orgulho pode levar uma pessoa da crença à descrença? Do paraíso à perdição? Muito rápido – veja acima.

Quais outras fraquezas da natureza humana fornecem brechas através das quais o Shaitan pode alavancar a desobediência ao Criador? A inveja é uma. Ganância outra. Desejo, desespero, insatisfação, impaciência, paixão sexual e raiva, algumas mais. Mesmo o contentamento, se leva a pessoa à inércia. E o orgulho. No início, no final, e em todos os pontos intermediários.

Vejamos como isso pode funcionar. Para começar, Iblis, o *Shaitan*, tem prioridades. Primeiro, ele tentará levar as pessoas a cometerem *kufr*, ou incredulidade. Se ele não puder levar as pessoas a cometerem *shirk* maior, ele tentará levá-las a cometer *shirk* menor. Se isso falhar, ele tentará as pessoas a cometerem inovação (*bida*). Se isso falhar, ele tentará as pessoas a cometerem grandes pecados, e se não for possível, então pecados menores. Mas se ele não puder levar a pessoa a cometer nem mesmo um pecado menor? Então, talvez o *Shaitan* tentará invalidar uma boa ação, por exemplo injetando um sentimento de orgulho, fazendo com que a pessoa se incline ao exibicionismo, ou, motivando-a através da ganância, buscando ganho mundano em vez do prazer de Allah. Todas essas motivações podem levar Allah a recusar as boas ações daquela pessoa. Para conduzir ao ponto principal, Muhammad ﷺ ensinou que as primeiras três pessoas a entrarem no Inferno, no Dia do Juízo são um estudioso, um homem caridoso, e um mártir que dedicaram as suas ações para outro além de Allah. O hadith é o que segue:

Abu Hurairah narrou que o Profeta ﷺ disse: “Em verdade, Allah, o Excelso, descerá aos Seus servos, no Dia do Juízo Final, e julgará entre eles. Todas as nações se humilharão em seus joelhos (rebaixando-se). As primeiras pessoas a serem chamadas a prestar contas no Dia da Julgamento serão [um estudioso] e recitador do Alcorão, e um mártir que foi morto na causa de Allah, e uma pessoa rica (que costumava constantemente dar a sua riqueza). Allah perguntará [ao erudito] e recitador do Alcorão: ‘Não fui Eu quem te ensinou o que foi revelado ao Meu Mensageiro?’ E ele responderá: ‘Sim’. Então, Allah irá perguntar-lhe: ‘O que tu fizeste com que eu te ensinei?’ Ele responderá: ‘Eu costumava recitá-lo dia após dia [e eu costumava buscar o conhecimento e ensiná-lo às pessoas].’ Então, Allah irá responder-lhe: ‘Não, tu mentiste!’, e os anjos dirão: ‘Não, tu mentiste!’ Allah dirá então: ‘Tu só querias que as pessoas dissessem sobre ti: Ele é um [estudioso e] recitador do Alcorão, e assim foi dito!’ E a pessoa com grande riqueza será trazida, e Allah dirá, ‘Eu não te abençoei para que não precisasses de depender de outros?’ Ele responderá: ‘Sim!’ Allah perguntará: ‘Então, o que tu fizeste com o que Eu te dei?’ Ele dirá, ‘Eu cumpri com minhas obrigações familiares, e gastei meu dinheiro em caridade.’ Então, Allah dirá: ‘Não, tu mentiste!’, E os anjos dirão: ‘Não, tu mentiste!’ Allah dirá, então: ‘Tu só gastaste para que as pessoas te chamassem de generoso, e assim foi dito!’ E a pessoa que morreu no caminho de Allah será questionada, ‘Como morreste?’ Ela responderá, ‘Ó meu

Senhor! Eu fui ordenado a fazer Jihad no Teu caminho, então eu lutei até que fui morto!’ Allah dirá: ‘Não, tu mentiste!’, e os anjos dirão, ‘Não, tu mentiste!’ Allah dirá, então: ‘Tu só lutaste para que fosse dito de ti: Ele tem uma grande coragem, e assim dito!’” Então, o Profeta ﷺ bateu em meu joelho e disse: “Ó Abu Hurairah! Estas são as três primeiras pessoas da criação de Allah que o fogo do Inferno consumirá no Dia do Juízo!”⁵¹

O ponto é que as boas ações, se dedicadas a outro além de Allah, serão rejeitadas – mais um exemplo de ações julgadas por intenções. E se estudiosos, caridosos e mártires não estão a salvo de intenções equivocadas, então quem está?

Se tudo isso falhar, Iblis pode tentar aliviar a pessoa na complacência, pois a sensação de bem-estar (a crença de excesso de confiança em ter feito suficientes boas ações) pode ser o primeiro passo para afastar uma pessoa da grandeza da piedade. Aqueles que não podem ser levados à ruína completamente, Iblis pode tentar derrubar pouco a pouco.

Mas se uma pessoa persistir no caminho da justiça, mesmo assim, o *Shaitan* não desiste, pois ele ainda pode causar impacto distraindo a pessoa da realização de boas ações de maior valor para boas ações de menor valor. Afinal de contas, há muitas horas no dia.

Portanto, a pessoa deve estar vigilante e não desesperar. Saber que uma vida de piedade equivale a uma vida de luta contra as forças do mal ajuda a pessoa a se preparar para a luta, na qual Iblis mantém o homem em uma combinação entre as tentações externas e desejos internos. Saber que Iblis nunca desiste até que a alma deixe o corpo também ajuda a pessoa a se comprometer com paciência e firmeza. E saber que Allah criou a humanidade imperfeita ajuda a pessoa a evitar o desespero, pois o teste de fé de uma pessoa, na beneficência de Allah, não reside em alcançar o inalcançável (ou seja, a perfeição), mas sim em confiar que Allah aceitará nossa *tawbah* (arrepentimento) quando o erro é cometido. O problema em não reconhecer a tendência humana de errar faz com que as pessoas vejam a religião como dieta. Uma vez que violam a dieta, mesmo com uma única folha extra de alface, supõem que a arruinaram, que está tudo acabado, então poderiam, muito bem, terminar a caixa de biscoitos e os chocolates também. Isto pode ser o que ocorre em relação às dietas, mas não é a maneira da religião, pois, nas palavras de Yaqub (Jacó), “Por certo, não se desespera da misericórdia de Allah senão o povo renegador da Fé.” (TSA 12:87)

⁵¹ Muslim (1905), Tirmidhi (2382), Nasaa'i (3137)

O fato é que Allah poderia ter criado a humanidade livre de erros, como os anjos. No entanto, ao contrário dos anjos, aos humanos foi dado o livre arbítrio, com o objetivo de nossa existência servir e adorar a Allah *voluntariamente*, e retornar a Ele em arrependimento quando em erro.

Para alguns, no entanto, isso não é suficiente. Para alguns, a vida é governada por uma constante procura por um significado maior da existência. Estes indivíduos são frequentemente atraídos para o misticismo, porque através do misticismo eles sentem que alcançaram uma consciência espiritual elevada e uma proximidade com Allah. Aqui entra o *Shaitan* mais uma vez. Tendo já discutido o primeiro pecado de Iblis, qual foi o primeiro pecado de Adão? Todos conhecem a história de comer da árvore do fruto proibido, mas por que, exatamente, Adão fez isso? Qual foi sua motivação? Encontramos a resposta no Alcorão, Surah 7, Ayah 20-21, onde foi registrado que Iblis aconselhou Adão,

“‘Vosso Senhor não vos coibiu desta árvore senão para não serdes dos anjos ou serdes dos eternos.’ E jurou-lhes: ‘Por certo, sou para ambos de vós um dos conselheiros’”.

E Adão acreditou nele. Apesar do fato de que Allah já havia advertido Adão contra Iblis (Quando Allah chamou Adão, fez a seguinte pergunta retórica: “Não vos coibi a ambos desta árvore e não vos disse que Satã vos era inimigo declarado?” TSA 7:22). Tudo isso pode levar uma pessoa a razeoar que a natureza do homem, desde o início, é tal que o seu senso de razão pode ser dominado por sua ânsia por estados espirituais mais elevados (isto é, o dos anjos ou “do imortal”). E *Shaitan* continua a usar essa fraqueza contra muitos muçulmanos, como fez com Adão.

E como Adão, os muçulmanos foram avisados.

No entanto, ao longo do tempo, sempre houve aqueles ansiosos para morder a maçã do misticismo e da apoteose. Alguns ficaram tão entusiasmados que extrapolaram na religião, atribuindo divindade a elementos da criação de Allah. Uma seita do Judaísmo costumava considerar Uzair (Esdras) o Filho de Deus, muitos cristãos reverenciam Jesus Cristo como o Filho de Deus, ou como parceiro na divindade, e alguns membros do extremismo xiita foram tão longe que deificaram Ali. Grupos maiores, no entanto, desviaram das leis do Judaísmo, Cristianismo e Islam através de movimentos da Reforma, gnósticos e sufis, respectivamente, como discutido anteriormente. O fato de que estas tendências são compartilhadas entre todas essas três religiões abraâmicas sugere que Iblis encontrou uma abordagem para desorientar esses assuntos, e manteve repetindo-os ao longo das religiões, e ao longo dos tempos – “Abrace o misticismo, abandone a lei; abrace o misticismo, abandone a lei; eu sou seu sincero conselheiro.”

7) Conselheiros Sinceros

Os que convidam ao desvio têm muitas faces e entram através de muitas portas, mas quase sempre se apresentam como conselheiros sinceros. O desafio para todos os muçulmanos é aprender a crença e práticas islâmicas corretas, pois isto define a regra pela qual os indivíduos e grupos desviados podem ser reconhecidos e medidos. Por outro lado, insinuações podem ser detetadas a partir daqueles que se opõem à religião islâmica, pois uma pessoa pode razoavelmente assumir que os antagonistas da religião não vão apoiar indivíduos ou grupos que representam o verdadeiro Islam. Então, quando grupos de interesses anti-islâmicos endossarem uma seita ou ideologia particular sob o disfarce de “Islam”, os muçulmanos devem considerar tal endosso mais como uma condenação que uma aprovação.

Qualquer uma das publicações de alguma instituição militar ocidental ou grupos de reflexão governamentais expõe preconceitos relevantes, assim como a mídia ocidental, que é reconhecidamente inclinada na direção das preocupações de partidos não-islâmicos. O *Civil Democratic Islam* de Cheryl Benard (disponível no site, www.rand.org), da Divisão Nacional de Investigação de Segurança da Rand Corporation, uma das pensadoras mais importantes da política ocidental, pode ser usado como um exemplo informativo.

O tratado de Benard começa com a declaração,

“Não há dúvida que o Islam contemporâneo está em um estado volátil, envolvido em uma luta interna e externa sobre os seus valores, a sua identidade e seu lugar no mundo. Versões rivais estão disputando o domínio espiritual e político. Este conflito tem graves custos e implicações econômicas, sociais, políticas e de segurança para o resto do mundo. Consequentemente, o ocidente está fazendo um maior esforço para chegar a um acordo, compreender e influenciar o resultado desta luta.”⁵²

O Ocidente está “fazendo um maior esforço para... influenciar o resultado desta luta”? Claro e direto. Óbvio, também. Assim, recordando que o trabalho de Benard é direcionado a estudiosos e políticos, vamos dá-lo sua importância (Ah, e só para pontuar que este não é um tratado obscuro dos círculos de conselheiros políticos, pesquisando no banco de dados da Rand Corporation, através do seu próprio site, pela palavra “Islam”, produz o *Civil*

⁵² Benad, Cheryl. *Civil Democratic Islam*. Rand Corporation. P. ix

Democratic Islam de Benard como primeiro resultado, por ordem de relevância, durante a escrita deste livro).

Então, para continuar, Benard passa a dividir o mundo muçulmano em quatro grandes divisões, sendo fundamentalistas, tradicionalistas, modernistas, e secularistas. Uma vez que os fundamentalistas, por definição, são aqueles que aderem mais estreitamente aos fundamentos do Islam, não é nenhuma surpresa que eles sejam vistos desfavoravelmente pelo autor. Nas palavras do autor, “Apoiá-los não é uma opção, exceto para considerações táticas transitórias”⁵³.

A Sra. Benard continua e afirma que os tradicionalistas não são confiáveis, mas “Os modernistas e secularistas estão mais próximos do Ocidente em termos de valores e políticas”⁵⁴. A recomendação da autora, portanto, é que os modernistas e secularistas devem ser apoiados, enquanto os fundamentalistas devem ser confrontados e hostilizados, com os tradicionalistas usados como alavanca contra os fundamentalistas, a fim de travar uma guerra contra os fundamentalistas de duas frentes – tanto de fora quanto de dentro da religião.⁵⁵

Tudo isso deve sugerir ao muçulmano para ter prioridades exatamente opostas, e seguir uma estratégia relativamente contrária.⁵⁶

Da mesma forma, a autora recomenda “Incentivar a popularidade e a aceitação do Sufismo”⁵⁷, que, para o muçulmano, significa ‘não, não e não!’. E por uma boa razão. Os sufis (classificados na obra de Benard como uma subcategoria de modernistas⁵⁸), modernistas e secularistas tomam liberdades fantasiosas na interpretação do Alcorão e da Sunnah, dependendo de raciocínio independente e seletivo em várias tentativas de adaptar o Islam,

⁵³ Benard p.x.

⁵⁴ Benard p.x.

⁵⁵ O termo “muçulmanos fundamentalistas”, quando aplicado literalmente, refere-se àqueles que aderem aos fundamentos do Islam. No entanto, aplicado coloquialmente, o termo evoca imagens de extremistas muçulmanos militantes. Como eu entendo a tese de Benard, ela se refere aos dois grupos com o mesmo título de “fundamentalismo”. Mas isso é injusto e impreciso. Na verdade, os verdadeiros fundamentalistas muçulmanos, ou seja, aqueles muçulmanos que aderem aos ensinamentos do Islam verdadeiro, são imediatos em condenar os militantes extremistas e muçulmanos radicais que perpetuam muitos crimes, tanto contra a humanidade quanto contra a religião do Islam. O ponto é que se Benard afirma que militantes extremistas muçulmanos (muçulmanos fundamentalistas, no sentido coloquial) devem ser combatidos, muitos muçulmanos estritamente praticantes (muçulmanos fundamentalistas, no sentido literal) concordariam. No entanto, se ela quer dizer que os muçulmanos estritamente praticantes devem ser combatidos, então nenhum verdadeiro muçulmano pode concordar, pois a dedicação ao Islam exige adesão a seus ensinamentos.

⁵⁶ Mas, sem cair no erro do extremismo militante ou, como é conhecido, “o Islam radical”.

⁵⁷ Benard, p. 80.

⁵⁸ Benard, p. 62.

aproximando-o dos desejos dos seus corações, e firmemente apoiando um ao outro, enquanto depreciam todos aqueles que defendem a metodologia dos *salaf* (os antecessores piedosos, sendo as três primeiras, e as melhores, gerações após a revelação do Alcorão Sagrado e da profecia de Muhammad ﷺ).

Assim, enquanto os conselheiros ‘sinceros’ são muitos, a apreciação da sua perspectiva e orientação ajuda a diferenciar entre aqueles que devem ser respeitados, aqueles que devem ser evitados, e aqueles que devem ser refutados.

8) Resumo

Muitos convertidos à religião islâmica entram na fé com uma profunda sensação de alívio acompanhada pela sensação de ter chegado – ter chegado à verdade e ao final de sua busca religiosa. Em certa medida, esses sentimentos são justificados, mas a uma medida quase igual à jornada de um novo convertido estar apenas começando. O fato é que a religião do Islam é dividida em uma variedade de seitas e caminhos de desvio, dos quais os mais significativos foram abordados na discussão acima.

Em muitos aspectos, eu considero uma boa analogia à conversão uma chegada, após uma longa e difícil jornada, em uma importante estação central, tal como a Estação Central em Nova York; Victoria Station, em Londres, ou qualquer uma das muitas enormes estações de trem ou aeroportos internacionais encontrados espalhados ao redor do mundo. Há uma sensação de alívio pela chegada – uma sensação de paz e satisfação, alegria mesmo. Estas emoções são transitórias, no entanto, as escolhas têm que ser feitas e a viagem continua. O número de caminhos que se ramificam a partir da estação central (da estação do Islam, se você preferir) são inúmeros, e apenas um (o caminho do plano de Allah, ou seja, aquele que Muhammad ﷺ e seus companheiros seguiam) é o correto. Escolhas erradas geralmente podem ser recuperadas, mas geralmente a um custo, e muito melhor seria tomar a conexão correta desde o início.

Assim, o novo convertido deve estar preparado para encontrar um número de opções que podem parecer, à primeira vista, confusas e controversas. Felizmente, ainda assim, a religião do Islam é fácil e simples – não é a religião que é difícil e confusa, mas sim certos indivíduos que, na falta de sabedoria e equilíbrio, tornam a religião dura e intransigente. O resultado da implementação da religião de tal maneira tem consequências infelizes, sendo a menor delas: confusão e discórdia, e a maior delas a apostasia.

Reconhecendo as armadilhas, os crentes fazem bem em voltar constantemente para Allah em lembrança e confiança. Quer façam *tawbah* (arrependimento) por uma transgressão ou busquem ajuda contra a adversidade, os crentes confiam em Allah para responder à sua *du'aa* (súplica) com o que Ele souber ser o melhor. Como Allah Altíssimo ensina: “E, quando Meus servos te perguntarem, por Mim, por certo, estou próximo, atendo a súplica do suplicante, quando Me suplica. Que eles Me atendam, então, e creiam em Mim, na esperança de serem assisados” (TSA 2:186). Os verdadeiros crentes nunca perdem a esperança, pois têm fé que, como Allah os trouxe até aqui, Ele nunca os abandonará, contanto que ponham a sua confiança n’Ele e somente n’Ele. Em toda a oração, o muçulmano renova essa confiança recitando a Surata *Al-Fatiha* e afirmando “Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda”, na sequência o muçulmano

busca orientação de Allah para “a senda reta”. *Esta* é a súplica mais importante, e estes crentes confiam que Allah responderá.

E lembre-se, apesar dos obstáculos e da confusão, o convertido ao Islam *chegou*. O valor de abraçar o Islam é tão grande que, para este salto de fé, Allah atribuiu Sua maior recompensa, quer dizer a recompensa do paraíso. E pelas bênçãos desta recompensa, todos os muçulmanos devem se esforçar e ser gratos, apreciando a preciosidade das muitas bênçãos do Islam, enquanto se purificam através da sinceridade da intenção e da perfeição da adoração. O processo de esforçar-se pelo correto é tudo para o aperfeiçoamento do Islam de uma pessoa, e é esse esforço que separa o sincero do falso.

E com isso em mente, vamos rezar: Que Allah nos guie a todos, e nos ajude a aperfeiçoar e a unirmo-nos na verdade e na justiça, na pureza e na piedade. E que Allah conceda a todos os muçulmanos paciência e perseverança no caminho reto e bendito de seu desígnio nesta vida e nos abençoe com a tranquila felicidade do paraíso na outra.

Dito isto, vamos agora fazer a nossa parte e *trabalhar* para isso.

Outros livros do Dr. Laurence B. Brown:

Ficção:

- *O Oitavo Pergaminho* (site: www.EighthScroll.com)

Religião Comparada:

- *Desviados?* (site: www.LevelTruth.com)

- *Guiados?* (site: www.LevelTruth.com)

Todos os livros do Dr. Brown estão disponíveis através de seus websites, www.amazon.com e por encomenda nas livrarias em todo o mundo.

ANEXO 1 - LEITURA RECOMENDADA

Traduções do Significado do Alcorão Sagrado:

1) *The Holy Qur'an* (King Fahd Holy Qur'an Printing Complex, Al-Madinah Al-Munawarah, Saudi Arabia) e *The Qur'an* (Tahrir Tarsile Qur'an Inc., Elmhurst, New York) ambos com a tradução inglesa de Abdullah Yusuf Ali – uma excelente tradução, ressaltada pela beleza do inglês mais clássico que se pode achar nas traduções modernas. Uma lacuna importante, porém, é que o comentário do tradutor contém vários erros, e é melhor evitar a favor dos mais clássicos, e respeitados, *tafasir* (explicações sobre os significados do Alcorão).

2) *The Noble Qur'an* (King Fahd Holy Qur'an Printing Complex, Al-Madinah Al-Munawarah, Saudi Arabia) traduzido por Dr. Muhammad al-Hilali e Dr. Muhammad Muhsin Khan. Uma tradução mais moderna e literal que a de Abdullah Yusuf Ali, exaustivamente pesquisada e complementada por explicações dos *tafasir* de Ibn Kathir, Al-Qurtubi, e At-Tabari, bem como citações de *ahadith* autênticos, principalmente provenientes da coleção de Al-Bukhari. Esta é sem dúvida a mais livre de erros das traduções para o inglês, mas esta tradução sofre, no entanto, de uma certa falta de fluência no idioma inglês. Apesar de um livro de referência excepcional, uma dedicação à leitura pode se tornar cansativa devido ao formato e limitações da língua.

3) *The Qur'an* (revisado e editado por Sahih International, Abul-Qasim Publishing House, Jeddah, Saudi Arabia). Uma tradução moderna excelente, de fácil leitura, e altamente respeitada, considerada por muitos em geral como a melhor disponível no idioma inglês. Altamente recomendada como o primeiro livro para aqueles que procuram uma tradução fácil, precisa e agradável do significado do Alcorão.

Ciências do Alcorão:

1) *An Introduction to the Sciences of the Qur'aan* (Uma Introdução às Ciências do Alcorão - Al-Hidaayah Publishing, Birmingham, England), por Abu Ammaar Yasir Qadhi.

2) *Approaching the Qur'an* (Abordando o Alcorão - White Cloud Press), por Michael Sells.

Coleções de Hadith:

- 1) *Quarenta Hadith de An-Nawawi*
- 2) *Riyadh-Us-Salihin*
- 3) *Al-Lu'lu'wal-Marjan*

História (do Islam):

- 1) *Muhammad, His Life Based on the Earliest Sources (Muhammad, Sua Vida Baseada nas Primeiras Fontes – The Islamic Texts Society, Cambridge, England)* por Martin Lings. Uma história excelente e abrangente da vida de Muhammad ﷺ, apenas um pouco afetada por alguns erros mencionados no meu livro, *Guiados?*.
- 2) *When the Moon Split (Quando a Lua Dividiu)* por Safi-ur-Rahman al-Mubarakpuri. Publicado por Maktaba Dar-us-Salam, Arábia Saudita. Uma premiada e excelente história do Profeta ﷺ.

História (dos árabes):

- 1) *A History of the Arab Peoples (Uma História dos Povos Árabes – Warner Books)* por Albert Hourani. Erudita e abrangente.

Religião Comparada:

- 1) *MisGod'ed (Desviados?)*: Um Roteiro de Orientação e Desorientação dentro das Religiões Abraâmicas, por Laurence B. Brown – o segundo livro desta série.
- 2) *God'ed (Guiados?)*: O Argumento do Islam como a Conclusão da Revelação, por Laurence B. Brown – o terceiro livro desta série.
- 3) *Misquoting Jesus (Citando Jesus Erradamente – Harper San Francisco)*, por Bart D. Ehrman. Talvez o livro mais legível sobre a crítica textual bíblica jamais escrito, apoiado pelos maiores eruditos.
- 4) *Lost Christianities (Cristianismos Perdidos – Oxford University Press)*, por Bart D. Ehrman. Outro que “deve ser lido”.
- 5) *A Muslim Study of the Origins of the Christian Church (Um Estudo Muçulmano das Origens da Igreja Cristã – Oxford University Press)*, por Ruqaiyyah Waris Maqsood. Um tesouro da

teologia, tristemente negligenciado, escrito por uma notável estudiosa muçulmana.

6) *The Mysteries of Jesus (Os Mistérios de Jesus* – Sakina Books, Oxford), por Ruqaiyyah Waris Maqsood. O mesmo livro, mas publicado sob um título diferente.

Informações básicas sobre o Islam:

1) *What Everyone Should Know About Islam and Muslims (O que Todos Devem Saber Sobre o Islam e os Muçulmanos* – Kazi Publications, Chicago, IL), por Suzanne Hanif. Uma cartilha abrangente, muito bem escrita.

2) *What Every Christian Should Know About Islam (O que Todo o Cristão Deve Saber sobre o Islam* – The Islamic Foundation, Markfield, England), por Ruqaiyyah Waris Maqsood. Mais curto do que o livro de Suzanne Hanif, mas tão agradável e informativo quanto, com maior ênfase na teologia, equilibrado em relação à narrativa pessoal.

E apenas por prazer:

1) *The Eighth Scroll*, por Laurence B. Brown. O primeiro livro nesta série – um suspense histórico.

2) *The Road to Mecca (O Caminho para Meca* – Islamic Book Trust, Kuala Lumpur), por Muhammad Asad. Uma história notável e comovente da jornada de um homem, primeiro ao Islam, e depois através do mundo dos árabes.

3) *Desert Encounter (Encontro no Deserto)*, por Knud Holmboe. Memórias de um viajante muçulmano dinamarquês através da África “italiana”.

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Adab – Boas maneiras

dH – “Depois da Hijra”. O ponto zero do calendário islâmico corresponde à hijra (migração) muçulmana de Makkah a Madinah em julho do ano 622 EC (AD). Datas subsequentes foram calculadas de acordo com o calendário lunar, que difere do calendário Juliano por mais ou menos 10 dias a cada ano.

Aquida – Crença

Ayah – versículo do Alcorão

Ayat – Plural de *ayah*

Bida – Inovação

aH – Antes da Hijra. Veja ‘dH’ para explicação.

EC – ‘Era Comum’ ou ‘Era Cristã’, correspondente ao mesmo calendário e às datas como ‘AD’.

Dawa – convite

Din – Modo de vida, ou seja, o código completo de conduta ditado pela submissão à vontade de Allah. Frequentemente mal traduzido como ‘religião’, din abrange muito mais do que os simples atos de adoração, que se estendem incluindo os costumes islâmicos e códigos de conduta nos negócios, política, família e interações e as responsabilidades da comunidade, e todas as áreas da existência humana.

Dunia – As coisas materiais deste mundo

Imaan – Fé

Fard – obrigatório

Fatwa – decisão legal

Fiqh – Literalmente “conhecimento”, a palavra “*fiqh*” é praticamente aplicada quanto ao conhecimento das leis islâmicas

Hadith – Uma tradição da compilação das palavras, ações, aparência ou consentimentos implícitos de Muhammad ibn Abdullah ﷺ.

Halal – Permissível

Hajj – A peregrinação muçulmana anual a Makkah.

Haram – Proibido

Hijra – A migração muçulmana de Makkah para Madinah, em julho do ano 622 EC.

Ibada – Adoração

Iblis - O nome próprio do *Shaitan*

Ibn - Filho de.

Ihsaan – a conscientização de Deus

Ijma - Consenso (dos sábios)

Ijtihad - raciocínio independente (para se chegar a um julgamento)

Imam – Líder da oração, sendo aquele que fica na frente da congregação.

Imaan – Fé

Madhhab – Escola de pensamento jurídico

Makkah – (Meca, Bakka, Becca, Baca) – A cidade sagrada para a qual os muçulmanos fazem a peregrinação. A Kaaba, para a qual os muçulmanos direcionam a sua oração, e o poço de Zam-Zam estão contidos na mesquita sagrada central.

Meca – Veja Makkah.

Nawafil – voluntário, ou não obrigatório

Rakat – Ciclo de oração

Sahaba – Os companheiros do profeta Muhammad ﷺ.

Sahabi – Singular de *sahaba*

Salaf – Os antecessores piedosos, referindo-se às três primeiras gerações após a profecia de Muhammad ﷺ

Salat – Oração

Saum – Jejum

Shahada – Testemunho de fé islâmico

Shaitan – Satanás/Satã

Sharia – lei islâmica

Shayatin – gênios maus ou demônios

Shirk – A violação do Tawhid (monoteísmo islâmico)

Sunita – seita ortodoxa do Islam, contando com 95% de todos os muçulmanos

Sura – Capítulo do Alcorão

Tariqa – Caminho (geralmente referindo-se a um caminho sufi, ou ordem)

Tawbah – Arrependimento

Tawhid – monoteísmo islâmico

Ulema – O corpo de estudiosos islâmicos

Ummah – Nação

Umrah – peregrinação *Nawafil* a Makkah

Zakat – A caridade que incumbe aos muçulmanos